



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS-MS
LETRAS – HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**

CRISTIAN PAULA SANTANA

**CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES CULTURAIS MOÇAMBICANAS NA OBRA
“O FIO DAS MISSANGAS”, DE MIA COUTO**

**DOURADOS-MS
2015**

CRISTIAN PAULA SANTANA

**CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES CULTURAIS MOÇAMBICANAS NA OBRA
“O FIO DAS MISSANGAS”, DE MIA COUTO**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Letras habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Duarte Mendes

**DOURADOS-MS
2015**

S223c Santana, Cristian Paula

Construção das identidades culturais moçambicanas na obra “O fio das missangas”, de Mia Couto / Cristian Paula Santana. Dourados, MS: UEMS, 2015.

54p. ; 30cm.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Claudia Duarte Mendes.

1. Negros 2. Pós-colonização 3. Identidade. I. Título.

CDD 23.ed. 305896

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Data e assinatura do autor

CRISTIAN PAULA SANTANA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES CULTURAIS MOÇAMBICANAS NA OBRA
“O FIO DAS MISSANGAS”, DE MIA COUTO**

APROVADO EM: ____/____/2015

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Duarte Mendes
UEMS/Dourados

Profa. Dra. Lucília T.V. de Leitgeb Lourenço
UEMS/Dourados

Prof. Dr. Adilson Crepalde
UEMS/Dourados

Profa. Ma. Karolinne Finamor Couto (Suplente)
UEMS/Dourados

“Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará...”

Isaías 35: 5-6

Dedico este trabalho a todos aqueles que não têm voz na sociedade e que de alguma maneira vivem de forma marginalizada. Aos que lutam diariamente pelo direito de sonhar e que, assim, como eu, acreditam em um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me concedido forças e sabedoria para até aqui chegar, por me sustentar nas horas de aflição e me confortar nas horas de angústia.

Agradeço aos meus pais Josimar e Rosa pelo imenso apoio, a ajuda, os conselhos e o carinho a mim concedidos.

Às minhas irmãs Patrícia e Cristhia Kelle e ao meu irmão Abner pela compreensão e paciência.

Agradeço à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pela honrosa oportunidade.

Agradeço também a minha orientadora, Profa. Dra. Ana Cláudia Duarte Mendes pelo incentivo desta pesquisa e por partilhar de seus conhecimentos.

Enfim, agradeço a todos os que passaram por minha vida e que de alguma forma contribuíram para a construção do que sou hoje.

RESUMO: Este trabalho teve por objetivo analisar os contos *O cesto, Entrada no céu e O fio e as missangas* da obra *O fio das missangas*, de Mia Couto. Buscamos identificar e analisar as dicotomias colonizado/colonizador, dominado/dominador, homem/mulher, branco/negro presentes nos contos miacoutianos. Esperamos que a realização deste trabalho possa destacar algumas características da cultura moçambicana, destacando, nos contos, como são construídas as imagens no meio social e como as identidades moçambicanas estão se configurando. A pesquisa foi realizada de forma bibliográfica, constituindo-se de leituras dos referenciais teóricos e posterior análise dos temas propostos, a partir dos textos literários. Foram selecionados alguns autores para nos auxiliar na composição deste panorama. Pierre Bourdieu, com sua obra *A dominação masculina* (2012); Thomas Bonnici, com *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências* (2007) que são os teóricos que discutem a condição social da mulher. Para discutir as questões religiosas nos apoiamos em Mircea Eliade (1992) e a respeito da identidade da (o) negra (o) buscamos auxílio em *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2011) com *A identidade cultural na pós-modernidade*, e outros autores. Ao fim dessas análises discutimos a identidade do homem e da mulher colonizada e indicamos as mudanças identitárias ocorridas através da ascensão e decadência do colonialismo.

PALAVRAS-CHAVES: negro; pós-colonização; identidade.

ABSTRACT: This study aimed at analyzing the tales *O Cesto*, *Entrada no Céu* and *O fio e as missangas* of the work *O fio das missangas* of Mia Couto. We seek to identify and analyze the dichotomies colonized / colonizer, dominated / dominator, male / female, white / black present in miacoutianos tales. We intend that this work can highlight some features of Mozambican culture, highlighting, in the tales, how are constructed the images in the social environment and how the Mozambican identity are shaping up. The survey was conducted bibliographic form, being readings of theoretical references and subsequent analysis of the proposed topics, from literary texts. Some authors were selected to assist us in this panorama composition. Pierre Bourdieu, with *A dominação masculina* (2012); Thomas Bonnici, with *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências* (2007) are the theorists who discuss the social status of women. To discuss religious questions, we support in Mircea Eliade (1992) and about the identity of (the) black (the) we seek assistance in *Pele negra, máscaras brancas* of Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2011) with *A identidade cultural na pós-modernidade*, and other authors. After these analyzes we discuss the identity of the man and the woman colonized and indicate the identity changes through the rise and decline of colonialism.

KEY-WORDS: black, post-colonization, identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - (RE) CONSTRUÇÃO DA MULHER & (PÓS) COLONIZAÇÃO DE MOÇAMBIQUE: DIÁLOGOS PERTINENTES EM O CESTO	15
1.1 A morte como requisito de sobrevivência	17
1.2 Renascimento <i>post mortem</i>	20
1.3 As implicações na construção de uma nova identidade	24
CAPÍTULO II – ENTRE O CÉU (MORTE) E O INFERNO (VIDA): AS DÚVIDAS DA ETERNIDADE	27
2.1 Padecimentos na primeira via	27
2.2 Anseios pela segunda via	33
2.3 As identidades em construção	33
CAPÍTULO III – O FIO E AS MISSANGAS: DE DOMINADOR A DOMINADO	39
3.1 Considerações acerca do dominador	40
3.2 A ruína do dominador	44
3.3 O dominado frente às suas identidades	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, verificamos como as identidades culturais moçambicanas, de acordo com Hall (2011), se configuram no interior das narrativas mais curtas de Mia Couto. Para tanto analisamos alguns contos presentes no livro *O fio das missangas*, publicado em Lisboa pela Editorial Caminho em 2003 e no Brasil em 2009 pela Companhia das Letras.

Intentamos descobrir como eram construídas as identidades em Moçambique antes da colonização por meio dos contos, as modificações identitárias ocorridas durante esse processo e como atualmente se configuram as identidades no processo de pós-colonização que o país está passando.

Antônio Emílio Leite Couto nasceu no dia 5 de julho de 1955 na cidade de Beira em Moçambique. Seu pai era jornalista e poeta, por este motivo desde cedo teve contato direto com as palavras. É formado em Biologia, mas recebe maior notoriedade por seu trabalho como escritor. Nas palavras do próprio escritor: “Sou filho de poeta, nasci entre livros e mais do que entre livros, nasci com essa doença de não nos bastar o mundo real.” (COUTO, 2007b, p. 1, *Apud* FONSECA & CURY, 2008, p. 19)

O escritor adotou o pseudônimo de Mia Couto por sua paixão pelos gatos e por esse motivo, frequentemente, como o próprio escritor moçambicano diz, é esperado no estrangeiro como mulher e negro. Mulher pelo Mia e negro por ser moçambicano.

Sua literatura tem como principal característica a oralidade que é predominante em Moçambique, já que o país possui um alto índice de analfabetismo. Contraditoriamente, e cruel ao mesmo tempo, é o fato de Mia Couto escrever/ construir a história de seu povo, suas tradições, suas culturas, suas identidades, seus mitos e provérbios, mas esse povo, possuidor de tal história não poder ler suas obras. Mia Couto, falando no *Jornal de Letras* (2007) sobre a oralidade em sua obra, diz que ela tem como objetivo acompanhar

[...] a riquíssima epopeia de sonhos e utopias, de apostas desfeitas e refeitas contra o peso da História. Esse percurso de guerras e dramas fez-se de materiais humanos sublimes, de histórias individuais e colectivas profundamente inspiradoras. São essas vozes que disputam rosto e eco nas páginas dos meus livros. (FONSECA & CURY, 2008, p.14)

É o retrato da história de Moçambique que vemos nos textos do escritor, é a imagem de um povo que está construindo sua identidade, que neste momento está criando independência para construir sua própria história. E Mia Couto, juntamente com outros

escritores moçambicanos pós-independência, estão engajados em fornecer subsídios, através da literatura para a construção, podemos dizer assim, deste novo homem e deste novo país.

Ressaltamos ainda que nesta pesquisa trabalhamos com o conceito de ideologia de acordo com Terry Eagleton (1997) que acredita que “O termo ideologia, em outras palavras, parece fazer referência não somente a sistemas de crença, mas a questões de *poder*.” (p. 18). São as relações entre dominação e ação. São as crenças, os mitos, a língua e acima de tudo, o modo de pensar.

Outra característica que podemos citar quanto à obra miacoutiana é o fomento da discussão do que significa ser africano, ou seja, em suas obras vemos problematizados temas como o que significa “ser africano”, como se compõe o homem africano moderno, as questões de identidade na pós-colonização, como já nos disse FONSECA & CURY (2008, p. 15): “Como estratégia discursiva e até mesmo proposta de posicionamento ético do escritor africano é que Mia Couto procura discutir o que significa africanidade na produção literária.”

Mia Couto acredita que não existe uma identidade africana pura, dotada de uma essência como há no imaginário popular, ao contrário, a identidade africana é diversa, com muitas heranças culturais. Assim, o escritor transpõe, difunde esse universo africano para o mundo, tendo como maioria do leitor de suas obras o não-africano. O autor também tematiza questões como a dualidade dominado/dominador, colonizado/ colonizador, homem/mulher, negro/branco, pobre/rico, a própria questão das línguas faladas em Moçambique, a situação da imposição da Língua Portuguesa, que nesse caso já incorpora uma questão vivida pelo próprio Mia Couto, já que ele,

[...] como outros escritores africanos, vive a contradição inevitável, expressa nos seus textos, de ocupar um lugar híbrido de intelectual, publicando numa língua originalmente do colonizador, mas assumida, por razões políticas, como a língua oficial do colonizado e da literatura.” (FONSECA & CURY, 2008, p. 23)

Por meio da literatura, Mia Couto afirma a identidade cultural africana, através de sua visão marginalizada, ou seja, um escritor africano branco, com suas origens africanas, mas com algumas características europeias, já que é filho de portugueses. É com essa visão da margem, como um escritor multicultural, de fronteira, mestiço como ele próprio se define, que ele põe à vista a identidade e a cultura africanas.

Não mais como um sujeito puro e único de sua cultura, mas como um sujeito com diferentes identificações (HALL, 2011), assim são os personagens de Mia Couto, construindo a partir daí a própria história de Moçambique que sempre esteve à revelia do colonizador

européu, e agora está se descobrindo, construindo a sua identidade, não mais unicamente africana, mas como resultado de uma mistura, assim como diz Stuart Hall (2011) em seu livro intitulado *A identidade cultural na pós-modernidade*:

... as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p. 7)

Na segunda metade do século XX vê-se na literatura africana de Língua Portuguesa a tentativa de construir histórias nacionais, usando relatos, mitos, ficção, realidades, subjetividades para a construção de um novo homem africano dotado de uma história própria. É esse novo indivíduo que está inserido nas obras de Couto, um indivíduo com sua identidade em crise, um novo ser composto não só de suas raízes, tradições, mitos, mas também das influências trazidas pelo colonizador como, por exemplo, a língua imposta como a oficial, a cultura, a tradição, as lendas, a crença. É o tradicional e o moderno entrelaçando-se para formar um novo indivíduo moçambicano, que apesar de todas as influências europeias não esquece de suas tradições.

Mia Couto também insere em suas obras, provérbios populares que por ele são desconstruídos mostrando assim a sabedoria dos antigos com interferências do moderno. A respeito disso, Terezinha Taborda Moreira (2005) nos diz que

O manuseio de provérbios e ditos populares revela o teor persuasivo de seu discurso, expresso através do emprego constante de mecanismos retóricos calcados em argumentos extraídos do saber da tradição ancestral. (MOREIRA, 2005, p. 113 *apud* FONSECA & CURY, 2008, p. 64)

Outra característica que está presente em todas as obras de Mia Couto são as epígrafes, usadas sempre nas páginas iniciais dos livros e normalmente são espécies de resumo da obra. A obra analisada traz a seguinte epígrafe: “*A missanga, todas a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.*” (COUTO, 2009) Então vemos que não só nos romances e contos, mas também nas epígrafes dos seus livros, Mia Couto estabelece um diálogo entre o antigo e o novo, entre o tradicional e o moderno, entre a antiga e a nova identidade.

São essas relações que pretendemos evidenciar nas análises desenvolvidas. Para a realização da pesquisa escolhemos os contos *O cesto*, *Entrada no Céu* e *O fio e as missangas* buscando detectar as construções culturais identitárias e de gênero.

Nosso trabalho é estruturado em três capítulos onde analisamos os três contos escolhidos. No primeiro capítulo analisamos o conto *O cesto* onde vemos na primeira parte as relações entre colonização e a condição social da figura feminina, o apagamento da mulher na sociedade em relação aos seus próprios desejos a fim de cumprir obrigações sociais. Já na segunda parte da análise traçamos relações entre a pós-colonização de Moçambique e a tomada de consciência da mulher. No fim da análise do conto, vemos as implicações encontradas para a construção das identidades pós-coloniais, com foco na identidade feminina.

No segundo capítulo observamos, em *Entrada no Céu*, o negro moçambicano frente a sua condição de dominado durante o processo de colonização, no qual teve sua cultura, sua língua, suas tradições e inclusive suas religiões suprimidas pela do colonizador. Neste conto também podemos observar que, apesar de estar na condição de objeto do colonizador, o negro anseia por ser sujeito de sua própria história, tendo a sua própria identidade, não mais aquela que ele possuía antes da colonização, mas uma identidade plural (HALL, 2011), com diversas influências, mas livre da colonização.

O terceiro capítulo, no conto analisado, *O fio e as missangas*, temos a alegoria entre dominador/ dominado e Portugal/ Moçambique. Essas alegorias são realizadas através dos personagens JMC, sua mãe e sua esposa, Dona Graciosa. Vemos como Moçambique passou de objeto para sujeito, construindo novas identidades devido a decadência do processo de colonização, do processo de dominação. Finalizando a análise buscamos ver como estão as atuais identidades moçambicanas.

Por fim, descrevemos a importância da escrita de Mia Couto para a construção da identidade de Moçambique no campo da literatura. Concluimos também, indicando a atual identidade moçambicana, ou seja, plural e miscigenada, cheia de influências. E em seguida traçamos algumas linhas de pesquisa para a continuação desta pesquisa.

CAPÍTULO I

(RE) CONSTRUÇÃO DA MULHER & (PÓS) COLONIZAÇÃO DE MOÇAMBIQUE: DIÁLOGOS PERTINENTES EM *O CESTO*

O conto *O cesto* apresenta, de maneira poética, a condição da mulher na sociedade moçambicana. Uma condição permeada pelas influências da história do país, resultando assim na mulher como um sujeito duplamente colonizado. Para a apresentação, Mia Couto utiliza-se de mecanismos para ilustrar as identidades e as práticas social/cotidiana dessas mulheres. As práticas são aqui compreendidas em conformidade com Michel de Certeau (1998, p. 109), quando disse que “As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos procedimentos.” Assim, compreendemos as práticas sociais como procedimentos, ações cotidianas, historicamente construídas, capazes de influenciar identidades.

Também trabalhamos a questão das práticas sociais em conformidade com Pierre Bourdieu (2004), que pensa tanto as práticas como as formas sociais, socialmente determinadas e específicas de grupos particulares, fazendo assim com que o resultado dessas práticas seja a formação de uma identidade fragmentada, contraditória e em permanente mudança (HALL, 2011).

Um dos elementos utilizados pelo autor para transpor a realidade moçambicana para o leitor é a representação simbólica que tem por objetivo apresentar a realidade de diversas maneiras, como, por exemplo, através de crenças, fatos, situações e mitos.

Por sua vez os mitos são aqui entendidos de acordo com a seguinte definição de Mircea Eliade (1972):

... o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (p. 9)

Por meio dos mitos que identificamos um povo, uma comunidade, pois é através deles que a realidade é exprimida e conseqüentemente cada povo tem suas subjetividades, na forma de percepção e expressão da realidade, sua maneira de conceber a origem da vida, a humanidade, seus medos, etc. Portanto são os mitos que diferenciam os povos.

É de suma importância salientarmos também que os símbolos não servem apenas como uma forma de representação da realidade, mas também são formas de integração social

(BOURDIEU, 2004), ou seja, através dos símbolos se faz a comunicação de forma indireta, e se efetua diferentes maneiras de conhecimento entre gerações distintas, saindo do antigo paradigma da oralidade.

Sendo assim, objetivamos nesta análise detectar as representações simbólicas utilizadas nos contos pelo autor, construindo uma identidade moçambicana para o leitor. Para este objetivo dividiremos o conto em duas partes nas quais constam elementos que figuram os diferentes momentos na vida da personagem e, alegoricamente, diferentes momentos da história da nação moçambicana.

É mister mencionarmos que a personagem feminina é análoga à Moçambique pois assim como o país foi colonizado, assim também a mulher sofreu com o patriarcalismo predominante na sociedade. E da mesma forma que país se encontra atualmente pós-colonizado, a mulher se vê livre da opressão de seu marido. Thomas Bonnici (2007) já observou anteriormente essas relações existentes entre o pós-colonialismo e a situação da mulher. Para o autor,

Há muita semelhança entre a experiência da mulher no patriarcalismo e a experiência do sujeito colonizado, contra os quais o feminismo e o pós-colonialismo reagem. O feminismo e o pós-colonialismo têm discutido sobre a política de representação e de **identidade** especialmente através da **linguagem**. (p. 209)

Desta maneira analisaremos o conto *O cesto* pensando a mulher duplamente colonizada e as relações análogas entre a mulher e Moçambique. Observaremos também como são construídas as identidades do homem e da mulher moçambicanos através dos símbolos e da linguagem presentes nos contos de Mia Couto.

Lembrando ainda que, apesar de falarem da situação da mulher, os contos são de autoria masculina, fato muito corrente na literatura, como já observou Assis Duarte (2002) quando disse que,

... as mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão. O sujeito que fala é sempre masculino, na literatura, na lei e na tribuna. A ele são reservados os lugares de destaque, tornando o homem mais visível. (p. 175)

Ora, só pelo fato dos contos serem de autoria masculina, constatamos que a mulher ainda não conquistou totalmente sua voz e autonomia no campo da sociedade e, tampouco, na literatura. Mas, como veremos logo adiante, a mulher é representada pelo autor como um sujeito que está buscando a sua própria identidade, espaço e voz na sociedade.

Atualmente a figura feminina está compreendendo a sua força e seu poder de transformação da sociedade. E essas transformações podem ser constatadas nas diversas áreas

da sociedade, independente das diferenças de cor, religião, classe social, etc. Como podemos constatar na literatura não seria diferente.

Assim, a escrita de Couto não busca perpetuar o patriarcalismo e o servilismo da mulher durante o colonialismo, ao contrário, o autor busca desconstruir uma imagem atribuída à mulher que já foi cultivada por muitos anos e até percebidas como normal pela própria figura feminina. Por meio da linguagem vemos que da mesma maneira que Moçambique se encontra no pós-colonialismo, a mulher também pode se inserir numa espécie de *pós-patriarcalismo*.

A primeira parte do conto, referente aos seis parágrafos iniciais, trata da forma que a figura feminina é construída em conformidade com o patriarcalismo (BONNICI, 2007, p. 198), ou seja, construída a partir do “... controle e a repressão da mulher pela sociedade masculina.”; também trata, de uma forma análoga, da colonização de Moçambique, da maneira que foram ignoradas sua cultura, sua história, sua língua e ficou à mercê da vontade dos colonizadores portugueses (europeus).

Já o restante do conto ocupa-se em retratar a forma que esta mulher sonha em se libertar de seu marido e se reconstruir nos mostrando o comportamento da personagem ante sua nova realidade. De forma análoga, vemos como ficou a situação de Moçambique pós-guerra/independência e como se encontra a atual identidade dos povos moçambicanos depois de terem seus direitos corrompidos.

Após traçarmos as comparações entre a mulher e Moçambique nos dois momentos acima citados (pós/patriarcalismo e pós/colonização) discutiremos a respeito da atual situação identitária tanto da mulher quanto do homem pós-colonizados, veremos também quais foram as influências e dificuldades para a formação dessa nova identidade a partir da leitura do conto.

1.1 A morte como requisito de sobrevivência

Como dito anteriormente, neste primeiro momento falaremos da mulher enquanto objeto. Para que a personagem possa sobreviver na sociedade é necessário que ela morra para os seus sonhos, seus desejos, suas escolhas e passe a obedecer às ordens de seu marido e se comportar em conformidade com as práticas sociais que regem a sociedade em que vive. Enfim, é necessário que ela se ausente de sua própria vida e se silencie.

É preciso que a mulher entre em acordo com um tipo de poder invisível exercido simbolicamente pelo homem (BOURDIEU, 2004). Tal poder só pode ser exercido se quem o

sofrer consentir, ou seja, a mulher sofre a opressão a partir do momento em que se dispõe e aceita sofrer. Mas essa aceitação não é simples e só é efetivada após muita relutância.

Aceita-se tal opressão porque trata-se de algo construído historicamente e internalizado, visto como “normal” na sociedade, do qual sem ele “não seria possível viver”, pois nossos antepassados já conviviam assim. É desta maneira que é incutida a ideologia patriarcalista em todos os níveis sociais, fazendo assim, com que as ideologias sejam transmitidas de geração em geração de forma que a maioria não as perceba.

Consequentemente, como dito anteriormente, a mulher torna-se duplamente colonizada: por se inserir no grupo dos povos colonizados e no grupo das mulheres, sendo assim, segundo Bonnici (2007)

... objeto do poder imperial em geral e da opressão patriarcal colonial e doméstica. O fim do colonialismo e o entrelaçamento deste com o patriarcalismo durante a era colonial não aboliram a opressão da mulher nas ex-colônias. (p. 67)

Da mesma maneira que a mulher em relação ao marido, Moçambique, ao ser colonizada por Portugal, teve que se calar, acatar as ordens de seu colonizador tendo por muito tempo suas crenças, mitos, cultura e religião suprimidos e substituídos por outras práticas ditas superiores sem ao menos terem a oportunidade de demonstrarem sua riqueza cultural. Dessa forma, tanto a mulher quanto o país, sofrem aquilo que Pierre Bourdieu (2004) chama de *O Poder Simbólico*. Segundo o autor este é

... um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo [...] supõe [...] o *conformismo lógico*, quer dizer, << uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências>>. (p. 9)

Este poder foi e ainda é em muitos lugares difundido, através da língua, das leis, das representações, da literatura do colonizador. Mas, como vemos atualmente, as crenças, os mitos, a música, a cultura de Moçambique apesar de tudo não se perderam e hoje estão ganhando força, espaço, respeito, voz e autonomia.

Como meio de expressar a condição de submissão e servilismo da mulher fazendo uma analogia a Moçambique, o autor utiliza diversos símbolos, na maioria religiosos, os quais analisaremos a seguir. Estes símbolos conferem à prosa de Mia Couto o patamar de poesia em prosa.

No primeiro parágrafo podemos detectar a presença de um símbolo religioso através da seguinte frase “*Vivo num rio sem fundo*, meus pés de noite se levantam da cama e

vagueiam para fora do meu corpo.” (COUTO, 2009, p. 09). Mircea Eliade em *O sagrado e o Profano*(1992) atribui um nome específico a este tipo de simbolismo: Simbolismo Aquático. Segundo o autor, “Em qualquer conjunto religioso em que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, `lavam os pecados`, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram.” (p. 66)

Assim constatamos que ao dizer que vive em um rio sem fundo a personagem também está dizendo que vive em uma desintegração e regeneração de si mesma, que se encontra em um estado de espera de seu próprio renascimento. Da mesma maneira, Moçambique está passando por esta busca de um renascimento, de uma conquista de si própria, de um desprendimento do Outro, enfim de busca de uma identidade própria após a conquista da sua independência. Ao continuar a leitura do parágrafo notamos que essas desintegrações e regenerações são constantes na vida da personagem: “Como se, afinal, o meu marido continuasse dormindo a meu lado e eu, *como sempre fiz*, me retirasse para outro quarto no meio da noite. Tínhamos não camas separadas, mas sonos apartados.” (COUTO, 2009, p. 9)

A mulher vive em constante espera de sua liberdade e também é apresentada como um sujeito sem voz, muda na sociedade e passiva ante a sua capacidade de mudança. Exemplificado no seguinte trecho:

Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou. [...] Desde o mês passado que evito falar. Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma...Agora, pelo menos, já não sou mais corrigida. Já não recebo enxovalho, ordem de calar, de abafar o riso. (COUTO, 2009, p. 9)

Incapaz de expressar a sua situação como se sua existência fosse omitida (BONNICI, 2007), como se nunca tivesse realmente vivido sua própria vida, a personagem se conforma com aquilo que nunca lhe foi negado: o direito (dever) ao silêncio. E este silêncio que lhe resta é o que lhe dará suporte para voltar à vida.

Assim podemos destacar que a personagem feminina pode ser considerada sem identidade própria, ou simplesmente dotada de uma identidade modificada e estereotipada pela sociedade. Stuart Hall (2011), ao estudar os diferentes conceitos de identidade, identificou o sujeito do Iluminismo, que se encaixa na representação da mulher deste conto. Segundo o autor o

... sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele de

desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo- contínuo e 'idêntico' a ela- ao longo da existência do indivíduo. (p. 10-11)

Pelo fato do sujeito do Iluminismo ser considerado pelo senso comum como moralmente aceito, o sujeito modelo, tem-se a crença em uma eterna realidade sem perspectivas de mudança, na qual a mulher sempre se calará, sempre acatará as ordens do homem, sempre será considerada mais fraca, menos capaz, menos digna e sempre inferior.

Mas como veremos adiante, essa ideologia está seriamente em risco em nossa atual sociedade. Este fato é resultado da inconcordância das mulheres em sofrerem um poder o qual lhes priva da sua própria identidade, de suas escolhas e lhes obriga a morrer lentamente em vida e a se contentar com o único meio de escape: o sonho.

1.2 Renascimento *post mortem*

A partir do sétimo parágrafo não mais encontramos os elementos de representação da situação de submissão da mulher, ou seja, a desintegração; pois aí já vemos os elementos que caracterizam a outra face da mulher moçambicana: a sua capacidade de regenerar-se. Nesse momento a personagem passa a ter voz, mesmo que seja de forma imaginativa através do papel, como em:

Nas cartas, o meu homem ganharia distância. Mais que distância: ausência. No papel, eu me permitiria dizer tudo o que nunca ousei. E renovo promessa: sim, eu lhe escreveria uma carta, feita só de desabotoada gargalhada, decote descaído, feita de tudo o que ele nunca me autorizou. E nessa carta, ganharia coragem e proclamaria:
- Você, marido, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida. (COUTO, 2009, p. 9)

Interessante notar que neste ponto Mia Couto faz uma analogia à sua própria escrita, pois a personagem usa a escrita como forma de se libertar, de ganhar voz, e o escritor faz exatamente isso: através de sua escrita dá voz àqueles de margem na sociedade moçambicana, principalmente às personagens femininas que representam Moçambique.

Não só um representante, Couto também atua como historiador das representações moçambicanas, pois o autor relaciona o passado, o presente e o futuro em suas obras. A história das representações assume diversas formas, como afirmou Jacques Le Goff (1990) quando disse que a

... história das concepções globais da sociedade ou história das ideologias; história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das mentalidades; história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do imaginário... (p. 3)

Então é dessa maneira que a escrita do autor é compreendida como partícipe da literatura pós-colonial, ou seja, é através de sua escrita que Couto retrata a cultura de Moçambique influenciada pelo processo de colonização, que não possuía uma identidade própria, mas era forçada a se apropriar da identidade do colonizador, seja através dos costumes, da língua seja da cultura.

Também é através da escrita que o autor busca evidenciar a atual identidade do povo moçambicano. Mia Couto também ajuda a formar essa nova identidade no imaginário do leitor estrangeiro através de suas obras, já que apesar de escrever sobre o povo moçambicano, seus leitores são na maioria estrangeiros. Em decorrência de Moçambique possuir altos índices de analfabetismo. Pode-se dizer assim que a identidade Moçambicana é pós-moderna, resultante tanto da globalização quanto da pós-colonização. Segundo Hall (2011), atualmente

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um `eu´ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (p. 13)

Ainda a respeito da passividade, da falta de voz e espaço da mulher, encontramos mais fragmentos do conto que reforçam essa imagem difundida pelo autor: “A sua vida me apagou. A sua morte me fará nascer. Oxalá você morra, sim, e quanto antes.” (COUTO, 2009, p. 10) Nota-se que a personagem feminina é consciente de sua situação, mas anseia mudá-la e ter sua própria identidade.

Bhabha (1998) já disse que o primeiro elemento no processo de aquisição da identidade é através da alteridade, ou seja, a partir do momento em que o objeto (colonizado) se confronta em relação ao colonizador (sujeito), ao Outro branco, ele é chamado à existência e passa a ser sujeito (pós-colonizado) dotado de uma identidade própria. Essa identidade, por sua vez, torna-se plural em decorrência das diversas influências europeias durante a colonização e pelas atuais influências do processo de globalização.

Voltando à simbologia. Outro símbolo utilizado por Mia Couto no conto é o espelho com uma função específica, que Bonnici (2007, p. 79) atribui o nome de *Estágio do Espelho*. Segundo o teórico, “O estágio do espelho é a transição do estágio Imaginário ao Simbólico, ou seja, a transição para a aquisição da subjetividade, da linguagem e da consciência da diferenciação.” Dessa maneira, vemos a transformação que a figura do espelho no conto confere à personagem feminina.

Inicialmente, o objeto funciona como uma espécie de constatação da perda da identidade, como se com o passar do tempo a personagem perdesse sua subjetividade em consequência de sua vida inativa. Como no fragmento: “Há muito que não me detenho no espelho. Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham.” (COUTO, 2009, p. 9) Posteriormente temos o seguinte trecho:

Estou de saída, para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado. Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e me contemplo como nunca antes o fizera... Mais ainda depois de descobrir no espelho essa luz que, toda a vida, se sepultara em mim. (COUTO, 2009, p. 9)

Nota-se que é através do espelho que a personagem feminina percebe-se humana e viva. A partir desse momento ela passa a perceber a sua existência e a capacidade de transformação da própria realidade. No instante em que se contempla no espelho a personagem retoma a sua subjetividade, sua real identidade, e se conscientiza que esteve por muito tempo sujeita à vontade do marido.

Percebemos também que a personagem era consciente de seu apagamento diante da vida. Talvez tenha sido esse o fato (consciência) que fez com que ela continuasse a sonhar com a sua liberdade, mesmo através das cartas. A partir do momento em que se percebe uma situação de submissão, automaticamente essa situação torna-se arriscada. Este risco se deve ao fato de que, enquanto não se tem consciência de sua situação, seja por parte de quem exerce o poder ou seja de quem o sofre, torna-se impensável uma mudança de atitude, pois a situação é vista como normal.

Quando finalmente se encontra liberta do marido, a mulher, contraditoriamente, fica sem rumo:

Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava. Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. (COUTO, 2009, p. 10)

Essa atitude decorre do fato de que quando o marido estava vivo era ele quem dava suporte à mulher, e ditava as normas que ela deveria seguir, então após a sua morte, ela fica sem um caminho, pois ainda não firmou sua própria identidade. Neste momento a mulher está deslocada, pois apesar de ter sonhado tanto com sua liberdade ela não imaginava que receberia tão logo a sua alforria, assim se depara com uma nova realidade: enquanto que no passado suas escolhas, seu livre agir era impedido, agora ela será livre enfim de todas as repressões e ordens do marido, mas não aprendeu o que fazer com a tão sonhada liberdade.

Assim também aconteceu com Moçambique após sua independência de Portugal: viu-se sem um estereótipo, um modelo a seguir, mas em pouco tempo se faz ciente de sua própria história, pois hoje em dia está lutando para conquistar uma independência cultural, tornar-se sujeito de sua transformação.

Mas vale mencionar que essa identidade pós-colonial será resultado de todas as influências sofridas pelo país. Formar-se-á através da fusão entre as culturas, as crenças e as línguas de Moçambique e de Portugal, pois apesar de Moçambique não ser mais uma colônia, é inevitável que mais de 400 anos de colonização não deixem nenhuma influência.

A personagem, ao contrário do que se esperava, não fica contente com a morte do marido, pois ela também encara a morte não como um fim, mas como parte de um processo cíclico no qual a morte é apenas uma nova etapa da vida. Pois de acordo com Eliade (1992, p. 104) nessa concepção de vida, “... tudo acontece de maneira cíclica, a morte é inevitavelmente seguida da ressurreição, o cataclismo, por uma nova Criação.” É como se após a independência de Moçambique, o país temesse outra colonização, que de fato é o que está acontecendo. Após livrar-se das imposições coloniais de Portugal, Moçambique sofre atualmente as imposições globais das grandes potências, a começar pela Língua Inglesa, hegemônica mundialmente.

Por fim, Mia Couto insere outro símbolo religioso no conto: “Sobre a minha casa de novo se tinha posto o *céu*, mais vivo que eu.” (COUTO, 2009, p. 10) Essa relação da personagem com o céu é uma relação simbólica de proximidade com a figura divina, como afirma Eliade (1992) quando diz que

A simples contemplação da abóbada celeste é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. [...] O Céu revela, por seu próprio modo de ser, a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno, poderoso. (p. 60)

Além de relacionar a personagem com a figura divina o do céu também desempenha outro papel no conto. Em um primeiro momento ele simboliza a falta de voz, o apagamento da mulher e, em seguida, o aparecimento do céu confere à vida da personagem liberdade e voz. Esses momentos distintos são ilustrados nos trechos:

Onde eu vivo não é na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs. [...] Pela primeira vez, há céu sobre a minha casa. [...] Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu. (COUTO, 2009, p. 9-10)

Veja que, enquanto a mulher estava sem voz não havia luz para lhe iluminar, como se a sua existência não fosse notada. Mas, a partir do momento em que se encontra livre do marido, o céu passa a estar novamente com ela, como forma de amparo e reconhecimento da sua existência.

O cesto simboliza no texto mais uma das práticas sociais às quais a mulher é sujeita. No conto ele recebe como principal característica a *inutilidade*, por significar apenas mais um dos deveres da mulher, o qual ela cumpre mesmo que não tenha serventia alguma, pois de que vale levar comida no cesto quando o marido está à beira da morte?

Voltando às analogias miacoutianas, em uma leitura mais atenta constatamos que não há somente uma analogia entre a figura feminina e Moçambique, mas também entre personagem feminina e o cesto. A mulher partilha com o cesto algumas características identitárias, como em:

Minha única ocupação é o quotidiano *cesto* onde embalo os presentes para o meu adoecido esposo... Ajeito no fatídico *cesto* o farnel do dia...O *cesto* cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma... Ainda hesito perante o *cesto*. Nunca antes eu o vira assim, desvalido. Vitória é eu dar costas a esse inuntensílio. [...] Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o *cesto* da visita. (COUTO, 2009 p.9-11) (grifos meus)

Note que, assim como a personagem, o cesto ao longo do texto vai assumindo diferentes características. Inicialmente assim como o cesto, a vida da personagem é algo monótono e previsível, logo após se deparar com o espelho a mulher torna-se consciente de sua situação, coincidentemente é neste momento que o cesto cai das mãos da mulher como se tivesse ganhado alma. E por fim quando a mulher perde o marido e ganha a liberdade, é necessário que não prepare mais o cesto para a visita, assim como é necessário que ela lembre que perdeu o marido e não precisa mais visitá-lo.

1.3 As implicações na construção de uma nova identidade

As identidades pós-coloniais são formadas a partir do longo processo de independência. Esse processo não se restringe ao campo político e econômico, mas cultural e linguístico também. Quando um país é colonizado, o colonizador tem o poder de impor sua língua, sua religião, mas jamais conseguem impor totalmente sua cultura. E é exatamente através da cultura que podemos identificar as identidades. Segundo Hall (2011, p. 38) "...a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo

inato, existente na consciência no momento do nascimento.” Dessa forma, não podemos pensar em uma identidade moçambicana pura e única, mas diversa e plural.

Portanto é indiscutível a parcela de influências deixadas por Portugal para a constituição da identidade moçambicana. Por exemplo, apesar de existirem em Moçambique diversos dialetos, incluindo variedades do crioulo, foi oficializada no mesmo ano de independência do país (1975) a Língua Portuguesa, por se tratar de uma língua de prestígio e de ascensão social. Sobre a língua relacionada à identidade, Hall (2011) diz que

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (p. 40)

Essa identidade linguística de Moçambique também tem como influência Portugal. Se não houvesse colonização os moçambicanos não iriam se unir a fim de criar um dialeto-código (Crioulo) com domínio de influência da Língua Portuguesa. Ou seja, não podemos falar que os moçambicanos (extende-se para toda a África) possuem uma identidade pura e una, pois sofreu o processo de colonização e nenhuma guerra de independência irá apagar os resquícios deixados pelos países colonizadores. Ainda de acordo com Hall (2011)

... as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...] as identidades nacionais foram uma vez centradas, coerentes e inteiras, mas que estão sendo agora deslocadas pelos processos de globalização. (p. 49-50)

Com estas reflexões podemos constatar que toda a identidade moçambicana foi construída através das representações, sejam por meio de histórias repassadas de forma oral de geração em geração, ou através da história do país convencionalizada e difundida pelos meios de comunicação.

A própria figura feminina também carrega em si uma representação simbólica. Como dito anteriormente, a mulher no conto é análoga à nação moçambicana, o seu marido é comparável ao colonizador português, à morte ao fim da colonização e à continuação da vida da personagem, depois da morte de seu marido, compara-se ao atual momento de pós-colonização. Dessa forma, tudo o que a mulher teve de seu marido (correções, enxovalhos, ordens de calar, ordens de abafar o riso) referem-se às inúmeras ordens de Portugal para Moçambique.

A morte no conto simboliza o processo de independência que Moçambique passou através da guerra de 1975. E, como dito anteriormente, assim como a personagem após a

morte do marido, Moçambique após a independência se vê sem um rumo a seguir, pois a guerra deixa também a destruição de um pensamento pronto ao qual os moçambicanos deviam obedecer. Assim, a liberdade feminina é mais complexa, pois ela precisa se desprender da opressão de fazer parte da ex-colônia e da opressão de ser mulher, pois segundo Bonnici (2007)

... as mulheres dos países que conquistaram a independência tinham de continuar a luta para que a ideologia patriarcal tradicional pudesse ser transformada e atitudes mais igualitárias adotadas [...] A emancipação feminina continua sendo uma luta no período pós-colonial e um desafio para que a mulher, outrora duplamente colonizada, possa continuar sendo agente se sua história. (p.111-112)

Concluindo, em *O cesto* podemos ver, de forma análoga, todos os processos que Moçambique passou durante a sua história. Primeiro um longo período de silenciamento, comparado no conto com o casamento da personagem. Em seguida, vemos a tomada de consciência do povo moçambicano, na condição de objeto colonizado e submetido ao branco, que pode ser comparada ao momento em que a personagem sonha em se libertar do marido. Logo após, quando o marido da personagem morre vemos a conquista da independência de Moçambique, que enfim deixa de ser colônia de Portugal.

Assim como a personagem fica sem chão ao perder o marido, da mesma maneira o povo moçambicano fica desorientado, pois não tem mais imposições a seguir. Dessa maneira, vemos a personagem com sua identidade deslocada, pois o que antes era seguro, cotidiano, torna-se instável. São essas as características identitárias do povo moçambicano na pós-colonização, que vemos ilustradas através da personagem feminina no conto *O cesto*, e no personagem principal do conto *Entrada no Céu* analisado no próximo capítulo. São representações do cotidiano que nos dizem muito da situação dos marginalizados, pois ilustram o modo como são vistos pela sociedade e como lidam com suas diversas identificações (HALL, 2011). No capítulo a seguir analisaremos a condição identitária, social e religiosa de um negro que se encontra dividido entre a realidade e o sonho.

CAPÍTULO II

ENTRE O CÉU (MORTE) E O INFERNO (VIDA): AS DÚVIDAS DA ETERNIDADE

O conto *Entrada no Céu* narra a história de um homem negro que desde criança possui dúvidas quanto à vida e à sua entrada no céu. O personagem anseia saber se a vida possui segunda via, já que na “primeira via” ele não conseguiu viver plenamente, aliás, foi excluído de sua própria vida e teve que se contentar com seu desviver, sua inexistência em vida.

Dessa forma, o personagem anseia por uma segunda via da vida, na qual ele possa de fato viver e ter oportunidades e direito a escolhas. Em uma vida em que poderá usar a sua voz, ser de fato atuante, ser sujeito de sua história. O seu sofrimento foi a morte em vida e tem esperanças de que a sua vida vivida se realize em uma segunda via.

Mia Couto utiliza a analogia entre a 1ª e a 2ª via da vida para exemplificar as condições de vida do negro colonizado e os sonhos de uma vida na qual o negro, ao invés de ser visto como um objeto, passa a ser sujeito livre e sujeito de sua própria história. Assim, o autor insere diversos elementos que analisaremos neste trabalho sobre a vida e o sonho de vida no negro colonizado.

Dessa maneira, neste trabalho pretendemos evidenciar, através de análise, as analogias entre a primeira via da vida/colonização e os anseios por uma segunda via da vida/busca pela independência, utilizadas por Mia Couto. Assim dividiremos o conto em dois momentos: o primeiro refere-se às descrições da primeira via de uma vida sofrida, na qual o narrador-personagem foi alvo de preconceitos. Analisaremos os elementos que fizeram com que o narrador-personagem tivesse sua existência apagada. De forma análoga, veremos também como esse apagamento se deu em relação à identidade moçambicana durante a colonização do país.

A segunda parte de nossa análise refere-se aos anseios do personagem para que haja uma segunda via da vida, na qual ele possa de fato vivê-la, sem se preocupar com estereótipos e limitações. E comparando com a situação de Moçambique, veremos também como o país encontra-se em um momento pós-independência.

2.1 Padecimentos na primeira via

Ao iniciar a leitura do conto, vemos o personagem indagando ao Padre Bento sobre a existência de uma segunda via da vida, e se esta se configura como a primeira via. Tais

questionamentos surgiram durante a infância do personagem, mas como vemos, foram carregados por toda a sua curta existência. Apesar de acreditar em uma possível segunda via da Vida, ao longo do texto, vemos alguns empecilhos que o personagem acredita que dificultaria a sua entrada no céu, pois tais empecilhos lhe privaram de fato de viver a vida e que o fizeram ter uma existência nula.

Assim como Moçambique durante a independência, a primeira via da vida do personagem é marcada pela falta de voz, pela submissão em relação aos brancos, pela imposição da língua e da cultura do colonizador. Todas as tradições, a religião, a língua e os costumes dos colonizadores foram postas aos colonizados como superior. Sendo desta maneira, obrigado a obedecer as ordens coloniais. A seguir, veremos quatro grandes empecilhos que restringiram a vida do narrador-personagem:

A primeira barreira encontrada pelo personagem para entrar no céu é a sua *Cor*. Veja o trecho a seguir: “Se faça-me o favor, senhor padre, me diga: cuja essa entrada no Paraíso é à moda da raça, ou das cláusulas de sermos um zé-alguém? Os pretos como eu, salvo sou, apanham licença?” (COUTO, 2009, p. 38)

Pelo fato de em vida o personagem ter sofrido preconceitos e enxovalhos devido a sua cor, ele teme que tal detalhe também possa privar-lhe de entrar no céu. Por ter vivido em uma sociedade na qual a cor da pele define o futuro de um indivíduo, é de fato questionável ao personagem que quanto à eternidade seu futuro também já esteja definido.

O narrador-personagem também se preocupa com o fato de ser um *zé-ninguém* e acredita que para entrar no céu é necessário que ele seja alguém, seja alguém importante segundo as classificações sociais. Em uma sociedade racista é pior ser um negro do que ser um negro rico, bem sucedido na vida, pois o fator dinheiro é como se fosse uma maneira de amenizar a negritude, sendo dessa forma tolerado em alguns meios.

Tal fato nos é evidenciado no momento em que o personagem alimenta esperanças de, na entrada do céu, ser confundido com a criadagem, pois a cor configura-se como o mais nítido elemento de preconceito. É algo que se carrega na pele, não nos dá opção de escolha, não tem como esconder.

A cor também nos lembra que o processo de colonização incutiu na mente dos colonizados o desejo pela luz, representada pelo ideal do homem branco e sua cultura europeizada e, aproveitando-se dessa crença, os colonizadores, através de simbologias, fizeram com que o imaginário do negro condenasse o escuro, as trevas, representados pela cultura e história do próprio povo negro. Acarretando assim em uma desvalorização das culturas e das tradições negras.

O *Ser Branco* tornou-se sinônimo, através de ideologias construídas historicamente, de beleza, de riqueza, de inteligência, desta maneira apoderou-se do negro um sentimento de inferioridade do qual ele luta para se libertar. Fanon (2008, p.66) em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* fala a respeito dessa dicotomia entre o negro e o branco, segundo o autor, “...o preto, escravo de sua inferioridade, o branco, escravo de sua superioridade, ambos se comportam segundo uma linha de orientação neurótica.”

Ou seja, enquanto o negro passa a vida tentando superar a sua inferioridade, o branco tem por ocupação a constante busca de afirmação de sua superioridade. E ambos presos em suas situações esquecem-se de que há outros muros e barreiras a serem superadas. Tornando-se desta maneira seres intolerantes.

O segundo problema do personagem, como vemos no trecho abaixo, é a *Pobreza*: “Ou precisam pagar umas facilidades, encomendar um abre-boca nalgum mandante?” (COUTO, 2009, p. 38). Assim como na vida, o personagem teme que para entrar no céu seja necessário ter dinheiro. Tal pensamento é resultante de uma vida na qual, certamente, o dinheiro sempre lhe privou de muitos benefícios. Assim, se para entrar no céu for necessário possuir dinheiro, ele já estará acostumado, pois em vida o dinheiro sempre foi mais importante.

Aliás, o dinheiro é mais uma das várias formas de se embranquecer, ou melhor, de se fazer aceito, em parte, no mundo dos brancos. Pois, ainda conforme Fanon (2008), a inferioridade negra começou através de uma inferioridade econômica. Desta maneira, através da aquisição do dinheiro, muitos negros acreditam, e até mesmo tal fato é confirmado pela sociedade, que com o dinheiro adquiriu-se também um patamar mais elevado do que aquele em que os negros e pobres estão inseridos.

Este apoderar-se do mundo branco é denominado *assimilação*, ou seja, o negro aliena-se de suas origens e tradições e passa a se apropriar das características não negras. Mas vale ressaltar aqui que essa assimilação é permitida até certo ponto, pois o negro transita no ambiente branco até onde o branco permite. José Luís de Oliveira Cabaço ao usar as palavras de Fouck, sintetizou bem a ideia de assimilação:

A ideologia do progresso e a teoria da hierarquização das ‘raças’ humanas comandam as práticas da ‘assimilation’, que consistem em levar as populações coloniais ao abandono de suas próprias práticas sociais julgadas inferiores, em benefício de uma elevação na escala das ‘raças’ e de ‘a civilização’. (FOUCK, apud CABAÇO, 2007, p. 120)

O terceiro problema enfrentado pelo personagem são as *Formalidades*:

... a pessoa pode sair diretamente da aldeia para o Céu? Assim, sem passar devidamente pela capital, nem estar documentado com guia de marcha, averbada e carimbada nas instâncias? (COUTO, 2009, p. 38)

Neste ponto encontramos, além das formalidades que o personagem acredita ser possível de serem encontradas na entrada do céu, vemos a relação entre a aldeia e a capital. Podemos traçar um paralelo entre a aldeia/colônia e capital/metrópole. Esse paralelo se concretiza ao analisarmos que tudo o que era da colônia deveria ser passado primeiro pela capital. Essa também era uma maneira de controlar as influências que a aldeia sofreria, as ideologias disseminadas através de livros, revistas, jornais, que poderiam por em risco a ideologia da dominação exercida pelo colonizador. (FERREIRA, 1980)

Tais ideologias poderiam despertar o colonizado para a sua situação como sujeito oprimido, submisso, pois alguns nem possuíam, e até hoje ainda estão sem consciência de sua situação. O último, mas não menos importante elemento que o personagem acredita que possa ser um empecilho para entrar no céu é a *Língua*. Veja em: “Depois, veja: eu não falo inglês. Mesmo em português, eu só rabisco fora da cartilha. Já estou a ver lá o letreiro, ao jeito dos filmes: welcome to paradise! E não mais saberei ler.” (COUTO, 2009, p. 38)

Além de não ser aceito em vida, na sociedade, também tem medo de não ser aceito depois da morte, no céu. A língua inglesa aí é a língua hegemônica, a língua do dominador, do colonizador, do homem branco. Língua imposta para os colonizados, sem se importar com as outras línguas já existentes no país. A língua é mais um dos meios do colonizador impor aos colonizados a sua cultura, pois no ato da fala estamos carregando toda a história da língua, como já disse Fanon (2008)

Falar é estar em condições de empregar um certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização. [...] Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. (p. 33-34)

Sendo assim a língua configura-se como um mecanismo de aproximação do negro colonizado com o branco colonizador. Ou seja, através da língua o negro apropria-se da cultura europeia e, conforme está mais próximo do ideal europeu, vai deixando de ser considerado selvagem. E como meio de libertação dos estereótipos europeus, citado por Fanon (2008), a saída é assumir sua história, sua cultura primeiramente através da linguagem.

Dessa maneira, podemos constatar que o povo moçambicano é um país duplamente excluído e duplamente colonizado. Primeiro, durante o processo de colonização, foi colonizado por Portugal tendo como língua imposta como oficial a língua portuguesa, e

atualmente sofrendo como imposição do mercado econômico a língua inglesa, sendo dessa maneira novamente colonizado.

Esses quatro elementos (*Língua, formalidades, pobreza e cor*) foram cruciais para a inexistência, para o desviver do personagem. Sendo assim, ele teme que também possa lhe privar de entrar no céu e impossibilitá-lo de desfrutar de uma segunda via da vida.

A realidade do narrador-personagem nos é apresentada através das dúvidas quanto à sua entrada no céu, que nos faz conhecer as mazelas, os sofrimentos que sofreu durante toda a sua existência. Assim o ser negro é uma condição doída por acarretar, através da cor da pele, inúmeros preconceitos e sofrimentos. Quando fazemos uma leitura mais minuciosa, podemos constatar que o negro é ciente de sua condição, como objeto do colonizador. Constatamos quando lemos: “Eu sabia que não me iriam deixar entrar... certeza de ser excluído. [...] Há muito que pego na faca não pelo cabo, mas pela navalha.” (COUTO, 2009, p. 38)

Assim constatamos que o negro sabe de sua condição de excluído na sociedade. Sabe de sua marginalidade, pois, como ele próprio diz, sua vida se resume em episódios de humilhação e sofrimento. Ele mesmo afirma sua exclusão na sociedade em: “Eu sabia que não me iriam deixar entrar. Mas a minha paixão pela mulata Margarida era maior que a certeza de ser excluído.” (COUTO, 2009, p. 38). O personagem exprime seus questionamentos, suas esperanças de haver e poder gozar de uma 2ª via da vida, por não suportar tamanho sofrimento. Há muito tempo que a vida lhe reservou o desviver.

Porque o que acontece, caro Excelentíssimo Padre, é que eu estou morrendo, escoado em sangue, por vontade do meu desviver. Vê este punhal? Não foi com ele que me golpeei. Há muito que pego na faca não pelo cabo, mas pela navalha. (COUTO, 2009, p. 38)

Vale mencionar que o negro durante a colonização era visto como um objeto capaz somente de acatar ordens. E mesmo sua cultura, suas tradições, sua língua, sua religião era imputada como inferior à do colonizador. O colonizado, como objeto, nunca teve voz: “Bem poderão me conceder a palavra. É como dar um alto-falante a um mudo.” (COUTO, 2009, p. 38)

Mas, de que vale ter voz, se você não tem o direito de usá-la? É nulo darem direito à fala ao personagem já que ele não tem o que falar, já que se acostumou a não ser ouvido e, dessa forma, acostumou-se em ser mudo. As próprias vontades do colonizado devem estar contidas para que ele haja de acordo com as vontades do colonizador. O que o personagem faz não é o que quer, mas o que é obrigado a fazer ante a sua condição de colonizado, negro e pobre. A vida que viveu não foi a que ele desejou viver, e sim aquela que lhe obrigaram

receber e viver. “Aliás, o senhor conhece esta minha deficiência, estes dedos que não me obedecem, esta minha mão que não é minha, como se ela concedesse gesto apenas à minha alma já morta.” (COUTO, 2009, p. 38-39)

Seu sofrimento foi a vida e não a morte. Sofrimento esse causado pelo preconceito, pela falta de voz na sociedade, pela recusa no meio social, pela falta de oportunidades e direitos. Sofrimento de todo sujeito que se encontra à margem da sociedade, expresso em: “Padre, a Vida é que tinha abdicado de mim. Sim, agora entendo: os santos são santificados pela morte. Enquanto eu, eu é que santifiquei a vida.” (COUTO, 2009, p. 39)

Com toda essa desgraçada vida, o povo negro acaba tendo a crença de que Deus se afastou do povo, e deixou intercessores. Tanto é verdade, que o próprio personagem não tem certeza de ser aceito no céu simplesmente por não ter sido aceito na vida, por não atender aos padrões sociais. Segundo Eliade (1992),

Os bantos dizem: ‘Deus, depois de ter criado o homem, já se não preocupa mais com ele.’ E os negrilhos repetem: ‘Deus afastou se de nós!’ As populações Fang da pradaria da África equatorial resumem sua filosofia religiosa no seguinte cântico:

Deus (Nzame) está no alto, o homem está embaixo.

Deus é Deus, o homem é o homem.

Cada um no seu país, cada um em sua casa. (p. 63)

Através das influências da cultura do colonizador os colonizados acabam criando uma imagem de si como objetos inferiores, por serem negros representarem as trevas. Verdadeiros objetos sem ação própria, que só devem obedecer às ordens no colonizador, pois sua alma já está morta devido às repressões sofridas. É o retrato de um povo que não tem escolhas, pois tudo em sua vida já está traçado pelo querer do colonizador.

Aliás, é necessário mencionar que o colonizador também possui uma luta: luta para que os modelos se perpetuem, os estereótipos sejam seguidos e para que a situação do povo continue a mesma. Até mesmo criando, em determinados períodos em que há “subversões” (entenda-se como subversões qualquer manifestação - religiosa, ideológica, cultural, etc.- contrária à do colonizador), ilusões de que a vida está a melhorar. Enfim, continuamente buscando que suas tradições continuem.

Na realidade, é através das tradições que os colonizadores conseguem perpetuar um modelo de indivíduo que lhes seja cômodo, ou seja, um sujeito sem voz, passível de dominação e que seja facilmente persuadido. Que não se questione sobre os motivos de sua condição, de sua realidade. E que executando essas tradições também sirva como disseminador das ideologias coloniais para as gerações futuras. Essa seria a primeira via da

vida que o personagem nos descreve, vida esta cheia de mazelas, uma vida que abortou o negro, na qual é visto como apenas um objeto capaz de ser guiado pelos desejos colonialistas.

2.2 Anseios pela segunda via

A segunda via da vida que o personagem almeja é uma vida sem submissões, sem estereótipos a serem seguidos, vida em que realmente seria sujeito de sua própria história, sujeito de suas ações. No conto é comparada com uma noite no baile acompanhado pela mulata Margarida. Interessante notar neste conto que o autor tece inúmeras linhas descrevendo esses padecimentos sofridos pelo narrador-personagem, essa primeira via da vida. E resume em apenas um único parágrafo o que poderíamos chamar de paraíso, ou seja, a segunda via da vida idealizada pelo personagem.

Isso se deve ao fato de que analisando a história de Moçambique, o país esteve por mais tempo colonizado do que independente. Assim a comprovação de que existe uma segunda via da vida é um estímulo para que os cidadãos moçambicanos construam sua própria história e alcancem independência mental e cultural. O conto finaliza com o narrador-personagem dizendo que

Agora que pouco me resta, meu peito já não escuta senão a música desse baile onde a mulata Margarida me aguarda, braços entendidos a dar razão ao meu adiado viver. Estou entrando no salão de dança e, desculpe o contradito desrespeitoso, já não tenho força de mais falar. Só o desfazer dessa sua certeza: a vida, sim, tem segunda via. Se o amor, arrependido de não ter amado, assim o quiser. (COUTO, 2009, p. 39)

Este é o paraíso, a segunda via da vida idealizada pelo personagem. Onde não haveria diferenças sociais, raciais e religiosas. Podemos traçar um paralelo entre essa segunda via com a pós-colonização. Ou seja, durante a colonização o negro sempre foi sinônimo da criadagem, de inferioridade, de sub-humano sempre sendo submisso aos colonizadores. E hoje em dia, pós-independência, o antigo objeto tornou-se sujeito.

2.3 A identidade em construção

Através do conto também podemos observar como está atualmente a identidade (HALL, 2011) do povo Moçambicano. Temos como resultado da pós-colonização, sujeitos com pluri-identidades que abarcam não só a história de Moçambique e Portugal, como a dos

países vizinhos, que também passaram por este processo de independência. A própria mulata Margarida pode ser considerada representante da atual identidade moçambicana.

O conto é uma representação da situação dualística do negro colonizado, ou seja, entre a sua cultura e a cultura do colonizador, que acabou por formar uma outra cultura: a cultura pós-colonial, que é o resultado dessas duas culturas anteriores. Uma cultura não una, mas plural com diversidades de origem, de religiões, línguas, tradições, etc. O personagem do conto encontra-se em uma linha tênue entre o passado e o futuro, entre o céu e o inferno, entre as trevas e a luz, entre o sagrado e o profano, entre a vida e a morte, entre a sua cultura e a cultura imposta pelo colonizador, entre a primeira e a segunda via da vida. Dessa maneira, no conto, vemos expressadas todas as inquietações do personagem principal.

Assim também em conflito está a mulata Margarida. Estampa em sua pele as características do povo colonizado, mas na sua mente predomina um ideal branco, costumes, culturas, religiões e línguas brancas, dos colonizadores. A mulata se preocupava em embranquecer, aliás, considera-se em um patamar acima do personagem: ele é mulata, ou seja, uma quase branca. Daí essa busca em fazer parte do mundo branco. Fanon (2008) fala sobre essa busca em fazer parte do mundo branco. Segundo o autor,

Na verdade, há algo mais ilógico do que uma mulata que se casa com um negro? Pois é preciso compreender, de uma vez por todas, que está se tentando salvar a raça. [...] A preta se sente inferior, por isso aspira a ser admitida no mundo branco. (p. 63-66)

É uma parcela da população que, durante o processo de colonização, perdeu sua identidade africana e que se tornou mesmo depois na independência, seguidora dos modelos europeus. Não somente os colonizados como também os colonizadores sofreram influências do processo de colonização. Segundo Bhabha (1998) “Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado.” (p. 73)

Assim, durante a colonização o homem branco colonizador foi fragmentando e deturpando a identidade negra do colonizado, que se perdeu, e a imagem do colonizado também se fez outra a partir do ponto de vista do colonizador. Seguindo o raciocínio das dicotomias no conto, vale lembrar que tanto a religião do colonizador quanto a do colonizado é dualística, ou seja, concebem o mundo em duas vertentes: o bem e o mal. Assim o personagem está em um eterno encontro e perda de si mesmo, pois está em conflito com a sua própria identidade, devido às influências do colonizador, e agora devido às influências da pós-colonização.

O personagem encontra-se na linha que divide o *eu colonizado*, ou seja, visto como objeto de manipulação do colonizador e sem escolhas, e o *eu pós-colonizado* sujeito capaz de transformações sociais e dotado de escolhas. Durante o período em que o personagem está nesta linha, ele passa por diversos conflitos tanto com a sociedade, com o meio no qual está inserido, quanto consigo próprio, e como resultado desses conflitos, temos o nascimento do sujeito pós-colonizado, dotado de uma história e de uma cultura plural.

Se o sujeito colonizado não está ciente de sua condição, o processo de desentrelaçamento da cultura colonizadora é mais conflituosa ainda. Pois suas concepções de certo/errado, Eu/Outro passam por mudanças. Até mesmo a história que julga ser sua passa por deslocamentos. Bhabha (1998, p. 85) diz que “... a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem de totalidade.” Ou seja, a identidade, não somente negra pós-colonizada, está em constante deslocamento, porque ela não possui mais um centro fixo, mas sim diversos centros que mudam conforme o ambiente em que o sujeito está inserido.

... as identidades modernas estão sendo ‘deslocadas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas. [...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (HALL, 2011, p. 8,12)

Assim, através da colonização a identidade do negro se define conforme a ideologia construída em sua mente pelos colonizadores. Já depois da independência, a identidade passa a ser fragmentada e até mesmo contrastante, pois o sujeito pós-colonial se identifica com as características da colônia tradicional, com suas histórias e tradições, mas também se identifica com os costumes, culturas trazidas pelos colonizadores. Ou seja, sofrendo e aceitando influências coloniais.

Lembrando que, apesar de ter sofrido as influências da metrópole, a colônia lutou pela sua independência, pois estava ciente de sua condição de violação. Quando os colonizadores, deparados com as diferenças nas colônias, julgaram que sua cultura, sua língua, sua religião eram superiores à das colônias e resolveram, como forma de ascender política e economicamente, “humanizar” aquele povo julgado selvagem. O historiador José Capela em seu livro *Moçambique pela sua história* (2010) descreve detalhadamente como ocorreu o processo de colonização. Segundo o autor,

Os portugueses atraídos pelas perspectivas do ouro, ao longo dos séculos XVI e seguintes, foram-se fixando a partir do mar para o interior, senhoreando terras e pessoas, para isso utilizando todos os meios

disponíveis, desde a negociação à conquista por meios bélicos. Estavam a implantar um sistema dominial. (p.72)

De uma perspectiva mais humanista o colonialismo não foi somente uma apropriação de terra, mas

O colonialismo, de caso pensado ou por força do seu sistema interno, despessoaliza o colonizado, deprime-o, destrói-lhe a imagem que ele forma do seu universo singular, coisifica-o e não lhe permite que ele se torne sujeito de história. Cria-lhe o complexo de inferioridade em relação à sua cultura, deforma-o, aniquila-o como cidadão africano. (FERREIRA, 1980, p. 40) (grifo meu)

O negro colonizado passou por um processo de coisificação, ou seja, perdeu sua humanidade, sua subjetividade, e se tornou um mero objeto para o colonizador. O colonizador por sua vez, através de seu poder político e econômico apropriou-se desse “objeto” como se este último não tivesse história, língua, religião, cultura e lhe impôs estereótipos europeus.

Mas, vale ressaltar que o próprio Mia Couto acredita que, apesar de Moçambique ter conquistado a independência, ainda não conquistou a independência de pensamento. Alguns teóricos afirmam que, o colonialismo português teve fim nos países colonizados, mas que hoje em dia as antigas colônias estão sob colonização cultural. Como já dito por Neto (2011),

... estágio de subjugação passado pelo Moçambique colônia, mas que não finda com a independência daquele país, já que o estágio de colonização agora é outro- entra sorrateiramente com os movimentos capitais em prol da necessidade de uma uniformização cultural entre o Ocidente e África. (p. 11)

Essa colonização cultural pode ser encontrada não só nos países colonizados mas em praticamente todos os países. Nada mais atual do que mencionar a necessidade mundial em falar a língua inglesa. Assim, podemos notar que hoje em dia a língua inglesa configura-se como um meio de colonização cultural mundial. Como visto em: “Depois, veja: eu não falo inglês. Mesmo em português, eu só rabisco fora da cartilha. Já estou a ver lá o letreiro, ao jeito dos filmes: welcome to paradise! E não mais saberei ler.” (COUTO, 2009, p. 38)

O fazer literário também constitui-se um mecanismo de colonização. Quando o branco, colonizador escreve sobre o africano, é um ato de colonização, pois o que vemos é a representação do nativo do ponto de vista do branco. O branco representa o branco, e quando o branco quer representar o africano, acaba distorcendo a realidade, pois seu ponto de vista não é a do colonizado e sim o do colonizador. A visão de mundo, as vivências são totalmente diferentes. Neste ponto vale ressaltar que Mia Couto, apesar da aparência, é um escritor moçambicano que sofreu com a colonização e participou do processo de independência.

Pior que o nativo ser representado pelo olhar do colonizador branco, é o africano ser representado pelo africano assimilado. Bonnici (2012) fala sobre as etapas da literatura nos países colonizados. Segundo o autor há três etapas, a primeira onde a colônia é representada pelo branco colonizador,

A segunda etapa envolve textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole e que se sentiam gratificados em poder escrever na língua do europeu (não há consciência de ela ser também do colonizador). (p. 23)

Nesta etapa o nativo recebe o poder de representar a partir do momento em que está alienado no mundo do branco, para que desta forma possa perpetuar os estereótipos do colonizador. E a última etapa refere-se à literatura pós-colonial, uma literatura engajada em representar a verdadeira imagem do colonizado e do colonizador. Ou seja, o africano na escrita do branco torna-se um acidente, um emprego de um detalhe, um personagem secundário, diferente. Já na literatura pós-colonial, o nativo é comum, pois esta, na pós-independência, é uma literatura de voz, de resistência. Assim configura-se a escrita de Mia Couto.

Um fato curioso que também podemos notar no conto é que o autor nomeia o padre de Padre Bento, mas o personagem principal, o negro, não tem um nome. Pois dessa maneira também o é na vida. Sem nome, sem identidade, sem características. É dessa maneira que o negro passou a ser visto durante a colonização. A única identidade que o próprio personagem se define é a seguinte: “Os *pretos* como eu, salvo sou, apanham licença? [...] Eu era o único *não-branco* nas redondezas.” (COUTO, 2009, p. 38) (grifo meu)

Ou seja, a identidade do personagem é definida através da alteridade, da relação com o Outro. Ele é negro porque não é branco, é colonizado porque não é colonizador, etc. E por meio desses contrastes é que o pós-colonizado vai delineando sua própria identidade.

Vemos no conto uma analogia feita pelo autor em relação aos personagens. Basicamente, no conto temos apenas três personagens: Padre Bento, mulata Margarida e o narrador-personagem. Padre Bento representa o colonizador branco, que impõe a religião, a língua e a cultura, tanto que no conto ele é tratado como uma figura superior. Como em: “Estou prosapioso, mas é derivado da dúvida, Excelentíssimo... Porque o que acontece, caro Excelentíssimo Padre...” (COUTO, 2009, p. 38)

A mulata Margarida representa por um lado, o povo miscigenado, pluricultural e, por outro lado, um povo ignorante de sua história. Exemplificado em: “Mas fiquei fora do coração da mulata Margarida. A moça nem deu deferimento de me olhar à distância, fria e ausente.

Branca entre os brancos.” (COUTO, 2009, p. 39). Já o narrador-personagem representa os colonizados, os negros que tiveram seus direitos violados, sua história apagada, e ainda assim possuem esperanças de dias melhores:

Confundi-me, por certeza, com um empregado de bar. Quem sabe, agora, o porteiro do Céu me confunda também e me deixe entrar, na crença que irei prestar serviço nos lugares da criadagem? ... E escorreu sangue de um preto, como doença manchando o imaculado território dos brancos. (COUTO, 2009, p. 38- 39)

O narrador-personagem compara sua vida com uma noite no baile com a mulata Margarida. Em vida sofreu tanto que passou a almejar uma segunda chance para viver plenamente. Assim também foi na noite do baile quando disse que

O que mais me fez sofrer, caro Padre, não foi o golpe. Não foi também o vexame. Foi Margarida ver-me ser expulso sem levantar protesto. Sofri tanto com essa desatenção dela, que a minha alma imitou o vidro: tombada aos pedaços. Quando me expulsaram já eu nem me sentia, despedido para sempre de mim. (COUTO, 2009, p. 39)

Como dito anteriormente, a escrita de Mia Couto configura-se como uma ponte entre o antigo sujeito colonizado e o sujeito pós-colonizado em construção, aliás, a sua escrita é um meio de construir o sujeito pós-colonizado através de representações, como as analisadas acima. No próximo capítulo analisaremos o conto *O fio e as missangas* no qual o escritor tece a história da nação moçambicana de forma análoga à história dos personagens.

CAPÍTULO III

O FIO E AS MISSANGAS: DE DOMINADOR A DOMINADO

O conto narra a história do personagem JMC e suas diversas relações com as mulheres ao seu redor. Essas relações são comparadas com um fio de missangas, onde JMC é um fio e as mulheres as missangas, mas quando sua mãe falece o personagem para de se relacionar com outras mulheres, como se a morte quebrasse o elo existente entre o “fio e as missangas”.

A narrativa inicia com o narrador-personagem encontrando JMC em um assento público e só, sem a sua antiga felicidade: os encontros amorosos. Após um diálogo o narrador-personagem relembra a antiga face de JMC como um colecionador de mulheres. O conto encerra voltando à cena inicial com o narrador-personagem dialogando com JMC.

Analisaremos neste conto como são construídas as relações entre a personagem principal JMC, que se faz análoga ao colonizador, com sua mulher, que é análoga à Moçambique e sua mãe que nos remete às antigas tradições presentes em Moçambique. Para a eficácia da nossa análise, dividiremos o conto em dois grandes momentos.

O primeiro momento que nos é apresentado refere-se à vida do personagem como um dominado pelas condições sociais que o cercam. Neste primeiro plano do conto, temos um JMC calado, de certa forma até mesmo submisso, passivo ante sua realidade, enfim, objeto do destino. Através da técnica da recordação de um dos personagens, o autor insere no conto o segundo momento, que são as antigas histórias do personagem como um dominador, que colecionava inúmeras mulheres, sujeito de sua história. Assim vemos no decorrer da narrativa como JMC foi perdendo sua vida de colecionador de mulheres, vemos como a personagem principal deixa de ser dominador para tornar-se dominado.

Vale lembrar que utilizaremos os termos dominador e dominado entendidos nos campos do colonialismo e do patriarcalismo, referentes às ideologias historicamente e socialmente construídas. O dominador fazendo referência ao homem branco europeu e o dominado ao homem/mulher negra (o) africana (o). Sempre um sobreposto ao outro, de forma hierárquica.

Para facilitar o entendimento da análise, discutiremos primeiramente a fase do personagem como um dominador, como um colecionador de mulheres e, posteriormente, analisaremos as mudanças e possíveis explicações das mudanças ocorridas na vida do personagem. Ao fim da análise, abordaremos a construção e modificação da identidade do

sujeito colonizado. Veremos como se encontram as atuais identidades moçambicanas representadas pelos personagens JMC, sua mãe e Dona Graciosa.

3.1 Considerações acerca do dominador

O primeiro fato que observamos ao ler o conto é que o autor utiliza apenas as iniciais JMC para denominar o personagem, como uma forma de generalizar as características dele e também como maneira de aproximar o leitor do conto. Esta é uma forma de tirar a identidade, a subjetividade do personagem e ao mesmo tempo de aproximar o leitor, pois JMC pode ser qualquer um à nossa volta, pois ele é apenas um dos representantes de um povo que se encontra no anonimato: “Nunca soube o seu nome por extenso. Creio que ninguém sabe, nem mesmo ele.” (COUTO, 2009, p. 32) Da mesma forma vemos milhões de pessoas que, para muitos, não passam de números, de estatísticas. Pessoas ignorantes de sua situação na sociedade, que obedecem sem questionar uma determinada representação social.

Nesta fase de conquistador, a ideologia do personagem é a seguinte: “- A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas. São sempre tantas, as missangas...” (COUTO, 2009, p. 32). Assim, vemos que o personagem considera-se um símbolo de virilidade, tendo a obrigação de constantemente afirmá-la, e às mulheres há o dever de serem vistas como puras e sagradas. Para Saffioti (2004) toda essa representação dos papéis do homem e da mulher começou quando: “Os seres humanos, que tinham uma relação igual e equilibrada entre si e com os animais, transformaram-se em controle e dominação. O patriarcado é um dos exemplos vivos deste fenômeno.” (SAFFIOTI, 2004, p. 120)

Tal ideologia pode ser fortemente percebida através dos discursos, não só masculinos, mas podemos ver na fala de algumas mulheres, porque assim como a sociedade molda alguns indivíduos para mandar, da mesma forma molda outros para receberem as ordens. Ou seja, há uma relação de dependência, onde a existência do dominador depende da existência do dominado, e vice-versa. De acordo com Saad (2005),

É no discurso masculino que se identifica a dinâmica dessas relações, quando o homem defende a subordinação e a desvalorização da mulher. Para o machão, ela é considerada objeto de prazer, jamais poderá contrariar suas falas e decisões. O que ele espera da mulher é total submissão. Esse homem apresenta-se como autoritário e dominador, potente e competitivo, é o provedor. (p. 2-3)

O homem considera-se um dominador, um colonizador, e à mulher resta apenas se portar aos modos do patriarcalismo. Ser uma colônia pronta a ser colonizada, e o pior, ter

gratidão por isso, enfim, a mulher deve somente receber aquilo que lhe é oferecido, sem questionar ou debater as imposições sofridas.

Desta maneira os homens se preocupam em perpetuar esse modelo de pensamento, para que a mulher seja sempre dominada e ele sempre dominador, configurando-se assim o principal objetivo do patriarcalismo, tornando-se algo cíclico. Para Saffioti (2004, p. 121) “... o patriarcado se baseia no controle e no medo, atitude/sentimento que formam um círculo vicioso.” Da mesma maneira é caracterizada a relação entre o colonizador e o colonizado, a um designa o controle (colonizador) e ao outro o medo (colonizado).

Assim o patriarcalismo pressupõe a existência de dois indivíduos: o objeto e o sujeito. Tais figuras se relacionam da seguinte maneira: ao objeto resta sofrer as ações do sujeito e ao sujeito resta agir como se espera que aja. Para a manutenção desse sistema a sociedade patriarcal busca sempre a dominação masculina e a subordinação da mulher.

E para alcançar a dominação, o patriarcalismo utiliza-se de diversos mecanismos e um deles é o que Paterman (1993) chama de contrato sexual que em muitas sociedades é chamado simplesmente de virilidade. Segundo o autor,

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação... (PATERMAN, 1993, p.16-17, apud SAFFIOTI, 2004, p. 53)

Durante a narrativa vemos que até mesmo a mãe de JMC o incentiva nas suas aventuras amorosas: “– Continue, meu filho, vá distribuindo esse coração seu que é tão grande. Nunca pare de visitar as mulheres. Nunca pare de as amar...” (COUTO, 2009, p.32) Ou seja, a própria mãe de JMC, uma mulher, é uma perpetuadora do modelo patriarcal. Acaba tornando-se uma espécie de auto subordinação feminina, pois ela mesma sofreu dominação do marido e ensina seu filho a dominar. Enfim, “... A sexualidade masculina é marcada pelo modelo de ‘atividade’, e considera-se que o homem deva se exercitar sexualmente desde cedo.” (GIFFIN & CAVALCANTI, 1999, p. 4) Essa ideologia de afirmação da virilidade do homem desde cedo é construída historicamente desde muito tempo atrás, e essa só será desconstruída com uma educação para igualdade de gênero, que poderá levar muitos anos.

Interessante notar que, enquanto JMC possui profunda intimidade com sua mãe, a figura do pai quase não é mencionada no conto. Esse fato pode ser explicado à guisa de dois fenômenos: *matrilinearidade e poliginia* (BERNARDO, 2005). O primeiro refere-se às condições da linhagem encontradas na África tradicional, onde as tradições, os deuses da mãe

eram mais importantes. Nesse contexto, também é possível vermos que as relações com o feminino são mais intensas que as relações com o masculino. De acordo com M´Bokolo (2009) essas relações matrilineares remontam de muito tempo:

As tradições de origem, nas quais encontramos muitos elementos que já identificamos entre os luba, apresentam-se sob uma forma estereotipada e difícil de explorar. Um dos chefes dos tempos míticos de origens, Nkond, encontrando-se ameaçado pelos seus dois filhos descritos como cruéis e preguiçosos, foi salvo por sua filha Rweej (Lueji) tendo decidido que esta lhe devia suceder, o que deve ser interpretado como a substituição da patrilinearidade pela matrilinearidade. (p. 563)

Dessa perspectiva poderíamos concluir que, a profunda relação de JMC com a sua mãe deve-se à matrilinearidade, mas quando ela morre é como se esse sistema fosse substituído pelo patriarcalismo, o que explicaria o estado de viuvez do personagem. Ressaltamos ainda que o sistema matrilinear era comum nas sociedades tradicionais, principalmente as africanas, mas devido às influências europeias foi substituído pelo sistema patrilinear. Salientamos ainda que, apesar do sistema de parentesco ser matrilinear, o poder sempre é reservado ao homem, como afirma M´Bokolo (2009) “... se o sistema de parentesco era matrilinear, a sucessão do trono teve cada vez mais tendência a fazer-se do rei para os irmãos e seus filhos, de preferência aos sobrinhos.” (p. 564)

A outra possível explicação para relação de JMC e sua mãe seria a poliginia. Esse fenômeno consiste em um único homem se casar com várias mulheres. Fenômeno também encontrado com maior facilidade nas sociedades africanas. De acordo com Bernardo (2005)

Não há dúvida de que as diferentes formas de família, com suas normas, fazem parte da diversidade cultural. Assim, a poliginia parece possibilitar o desenvolvimento de sentimentos maternos diferenciados em relação à monogamia. Nesta última, a relação com o pai é mais próxima, pois existe a possibilidade de cuidados com a prole. Tanto é que, a partir da prática psicanalítica desenvolvida em uma clínica neuro-psiquiátrica na África Ocidental no período de 1962 a 1986, Ortigues e Ortigues (1984) revelam que na cultura africana é a mãe quem se relaciona corpo a corpo com a criança, sem intermediários. (p. 14)

Essa possível explicação pode ser confirmada no seguinte trecho do conto, onde temos um diálogo entre JMC e sua mãe:

- E o pai, o pai sempre lhe foi fiel?
- Seu pai, mesmo leal, nunca poderia ser fiel.
- E por quê?
- Seu pai nunca soube amar ninguém... (COUTO, 2009, p. 32)

Dessa forma, o visível distanciamento que há entre JMC e seu pai pode ser explicado pela poliginia. Esse fenômeno também pode explicar os diversos casos amorosos que JMC possui e o apoio recebido por parte de sua mãe, por estar familiarizada com esse sistema comum de relações de um homem com várias mulheres.

Voltando à questão anteriormente discutida sobre a auto subordinação feminina. Se a mulher também ajuda na perpetuação dessa ideologia não é de maneira consciente. Uma vez que, da mesma maneira que homens quando meninos foram ensinados a serem viris, a dominarem, da mesma forma mulheres quando meninas foram ensinadas a obedecer e se subordinarem ante a figura masculina. São comportamentos construídos socialmente. Sobre essas construções sociais, Bourdieu (2012) diz que “... o princípio da visão dominante não é uma simples representação mental, uma fantasia (‘ideias na cabeça’), uma ‘ideologia’, e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos.” (p. 54)

Como podemos notar o patriarcalismo acaba se tornando algo cíclico, onde os dominados reproduzem os dominantes e os dominantes reproduzem os dominados. Ou seja, os dominados fazem o que os dominadores esperam e os dominadores fazem o que os dominados esperam. É um círculo vicioso o qual apenas a conscientização pode romper. Visto que, a partir do momento em que a mulher conscientiza-se de sua situação e deixa de perpetuar a ideologia patriarcal, esse ciclo sofre uma ruptura.

No conto encontramos também alguns simbolismos utilizados por Mia Couto, presentes em diversas obras do escritor que tem uma prosa considerada poética. Tais símbolos ajudam na composição do significado do conto. Dos simbolismos encontrados, o mais expressivo deles é o ritual do banho:

No final, tomava nas suas as mãos do filho e ordenava que ele tomasse banho ali mesmo. - Não vá a sua mulher cheirar a presença de uma outra-dizia. E JMC se enfiava na banheira enquanto a velha mãe o esfregava com uma esponja cheirosa. Acabado o banho, o enxugava, devagarosa como se o tempo passasse por suas mãos e ela o retivesse nas dobras da toalha. (COUTO, 2009, p. 32)

Depois de seus encontros amorosos JMC era lavado por sua mãe. Vemos aí que esses banhos são como rituais necessários à JMC para voltar limpo à sua esposa, como se as águas tivessem o poder de regenerá-lo, de purificá-lo. Mircea Eliade (1992) explica o simbolismo aquático da seguinte maneira:

O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um ‘novo nascimento’; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida. [...] Em qualquer

conjunto religioso em que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, 'lavam os pecados', purificam e, ao mesmo tempo, regeneram. (p. 65-66)

É exatamente essa a função da água nos banhos de JMC: lavar os seus pecados e dessa forma, imaculado, voltar à sua esposa. Assim JMC cumpre o seu papel ante a sociedade: tem uma mulher, mas em todo momento está afirmando sua virilidade através de casos amorosos extraconjugais. À mulher cabe o conformismo com os modelos da sociedade, e o apagamento ante a figura dominante de seu marido. Sobre o conformismo feminino Duarte (2002) diz que

O fracasso das mulheres está, pois, presente nos discursos que constroem as expectativas em torno da mulher como aquela que tem a seu encargo zelar pela família e pelo lar. Suas funções são de procriar, administrar a casa, a comida e os movimentos dos membros desta família. (p. 175)

A mulher possui funções atribuídas pela sociedade. Primeiramente ela deve se casar. Depois lhe é necessário exercer a maternidade, pois segundo a sociedade toda mulher possui um instinto materno. E sempre realizando as tarefas de casa, maternas com o marido da melhor maneira possível. Na sociedade, segundo Saffioti (2004), as mulheres

... são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem. [...] E este papel de provedor constitui o elemento de maior peso na definição de virilidade. (p. 35)

Mas esse peso em cumprir os papéis estipulados pela sociedade não é exclusivo da categoria feminina. Muitos homens têm crises de identidades justamente devido às necessidades de cumprirem um papel social que não lhes satisfazem. Essa necessidade de provar à sociedade que são homens, como uma espécie de dever cumprir o que se espera que os homens façam.

3.2 A ruína do dominador

Depois do narrador-personagem relembrar o antigo JMC, colecionador de mulheres, deparamo-nos com um JMC abatido, morto para sua própria vida. Como causa desta mudança nos é apresentada a morte da mãe do personagem, a incentivadora mais fiel de suas aventuras amorosas. É dessa maneira que seu antigo estilo de vida entra em decadência, é o fim das ideias da poliginia e da matrilinearidade. O que antes era sujeito passa a ser objeto na

sociedade. Costa (1986) já fez considerações sobre essa falência da ideologia dominante, segundo o autor

O homem atual começa a demonstrar sinais de cansaço e parece não mais suportar a ‘couraça’ que o envolve e ao mesmo tempo aprisiona... O homem, como ‘dono do poder’, reconhece que algumas condições sociais conquistadas (sair mais cedo de casa, iniciar antes que a mulher a vida sexual, etc.) não tem lhe trazido vantagens. O homem não é feliz como parece; de repente, percebe que a relação de dominação... fez dele o seu próprio prisioneiro. (COSTA, 1986, apud GIFFIN & CAVALCANTI, 1999, p. 01)

Não somente a mulher tornou-se consciente de sua condição e busca de diversos modos mudá-la, mas também o homem atual não está satisfeito com sua realidade. Por mais que um seja o dominador e o outro dominado, custa a ambos o cumprimento das obrigações sociais. Tanto que JMC, após a morte de sua mãe, encontra-se de certa forma em uma submissão, expressa em: “Saúdo-o, em inclinação respeitosa. Ele ergue os olhos como se a luz fosse excessiva.” (COUTO, 2009, p. 32) Esse gesto de erguer os olhos é utilizada por Mia Couto para expressar a condição de JMC dominado.

Enquanto a sociedade continua seguindo o antigo modelo patriarcalista o homem busca afoitamente sua liberdade. Assim como a mulher, o homem pode querer ser livre para exercer seu direito de escolha, sem ser tachado de afeminado por não se mostrar constantemente viril. E através da ânsia pela liberdade de escolha de seu fazer social, o homem acaba influenciando a sociedade e o modelo patriarcalista acaba entrando em decadência. Como consequência dessa decadência patriarcal, Saad (2005) diz que

...o acesso ao trabalho, a liberdade sexual, o investimento na educação, a conquista de cargos políticos, a diminuição do número de filhos e os casamentos tardios vem obrigando os homens a repensar a sua maneira de agir frente às mulheres e a si mesmos. (p. 4)

A mulher passa a ter voz e deixa de ser objeto de manipulação do homem, para enfim ser sujeito de sua própria história, exercendo assim a sua liberdade. E a maior maneira de afirmar a virilidade do homem: ser provedor da casa deixa de ser exclusividade masculina e, em alguns lares, essa atividade passa a ser dividida com a mulher ou até mesmo, às vezes, é exclusiva dela a tarefa de ser provedora do lar. A mulher passa a conquistar seu espaço na sociedade, afirmando a sua autonomia frente ao patriarcalismo.

No conto, vemos que as mudanças ocorrem após a morte da mãe de JMC, como se ela representasse as ideologias matrilineares, as tradições repassadas pela figura feminina; as ideologias patriarcais, nas quais o homem tinha o “dever” da virilidade; das ideologias

poliginistas, nas quais o homem possuía várias mulheres. Assim, com o falecimento da mãe de JMC, morre também a maneira de perpetuar as ideologias. Como se a figura da mãe rememorasse as antigas tradições, as antigas ideologias patriarcais, onde o homem e a mulher tinham papéis ante a sociedade.

3.3 O dominado frente às suas identidades

O primeiro fato que podemos analisar é que, enquanto o narrador personagem relembra as aventuras amorosas de JMC, em nenhum momento foi citado o nome de sua esposa, como se ela fosse um sujeito nulo. Mas a partir do momento em que JMC perdeu sua mãe e, conseqüentemente, suas aventuras amorosas, aí vemos a figura da mulher:

E nesse vazio permanecemos ambos até que, por entre o cinzentear da tarde, surge Dona Graciosa, esposa de JMC. Está irreconhecível, parece deslocada de um baile de máscaras. Vem de brincos e flores, mais decote que blusa, mais perna que vestido. (COUTO, 2009, p. 33)

A mulher de JMC ressurgiu irreconhecível, pois há uma ruptura com os estereótipos. A sua antiga identidade pautada na submissão ao seu marido foi perdida e encontra-se deslocada. Dessa maneira, a mulher aparece de forma que antes nunca fora vista, portanto, irreconhecível ante essa nova identidade, esse novo modo de ser. Do mesmo jeito que JMC está irreconhecível em seu novo papel: “Agora, tantos anos passados, quase não reconheço o mulherengo homem alto e magro” (COUTO, 2009, p. 33). É como se JMC e sua mulher tivessem trocado as identidades. A antiga submissão de Dona Graciosa é transferida à JMC, e a dominação antigamente encontrada em JMC, encontra-se atualmente em Dona Graciosa.

Interessante percebermos a construção linguística utilizada por Couto, ao dizer que Dona Graciosa ressurgiu com brincos e flores. Podemos traçar aqui um paralelo entre as flores e a sexualidade da personagem feminina. O autor utiliza alegorias para mostrar o desabrochar da personagem, é como se ela estivesse com a sua sexualidade reprimida e a morte em vida de JMC funcionasse como um abrir de portas para que ela se libertasse. Conforme postula Theodoro (2000):

O corpo significa ao mesmo tempo Vida e Morte, o normal e o patológico, o sagrado e o profano, o puro e o impuro. As práticas corporais são ritos que imprimem ao ser humano uma certa consciência visceral do mundo, altamente estruturada, codificada, rigorosa e socializada, em que as possibilidades de escolha são limitadas a mínimos parâmetros, porque qualquer liberdade é altamente significativa e põe em risco a totalidade do sistema de ordenação do mundo. Cada tradição lida com seus ritos sobre o corpo, interditando-o ou não. (p. 9)

Assim percebemos que Dona Graciosa desabrochou como uma flor. Ela atesta a sua vida fazendo tudo o que antes não lhe era permitido: roupas, maquiagens, audácia, sensualidade, etc. Esse processo de desabrochamento representa os rituais que as adolescentes passam para transformarem-se em mulher. Os ritos referem-se aos processos de infibulação, onde acontece a total ou parcial remoção do clitóris, é a transformação da menina em mulher. Nesses rituais “... a menina morre e ressuscita, renasce para uma condição nova, com a personalidade modificada.” (KIMBANDA, 2006, p. 119) Agier (2001) fala sobre essa identidade deslocada, não só do homem, mas também da mulher:

Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato. (p. 10)

Como resultado temos em nossa sociedade sujeitos altamente fragmentados, que possuem não uma ou duas identidades em si, mas diversas identidades com as quais vão se moldando durante toda a vida. São sujeitos pluridentitários, que mostram assim, diferentes formas de ser africano, pois essas identidades vão se construindo “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (HALL, 2011, p. 2)

A personagem surge fazendo tudo o que, provavelmente, lhe era proibido e se sobressaindo na vida de JMC, ou seja, toma o lugar de sua falecida mãe. A mulher fica entre o patriarcalismo regido pelo eurocentrismo e entre o matriarcalismo presente nas sociedades tradicionais, assim ela também fica deslocada quanto à sua identidade.

O personagem JMC foi criado e exposto à uma sociedade patriarcalista estando acostumado à distribuir seu imenso amor às mulheres, quando perde sua mãe se vê desolado. Além da tristeza em perder a mãe, uma tristeza materna, há uma tristeza da perda dos seus outros amores, exemplificado em: “Uma tristeza lhe escava a voz. Me confessa, afinal, uma espécie de viuvez.” (COUTO, 2009, p. 33)

Essa viuvez decorre da perda de apoio de JMC. O personagem seguia os conselhos de sua mãe, amando as mulheres. Interessante notar que o narrador caracteriza JMC como um viúvo e não como um órfão, pois sua mãe foi a única mulher realmente importante em sua vida.

Ortiz (1995) expressa claramente essa identidade masculina, que assim como a mulher, muitas vezes possui obrigações que ditam a sociedade: “... o poder masculino, que

representa, definitivamente, certos privilégios para o homem nas sociedades patriarcais, também significa angústia e muita solidão existencial.” (ORTIZ, 1995, apud, SAAD, 2005, p. 3)

Apesar de serem considerados dominadores, superiores às mulheres, os homens também possuem determinados papéis na sociedade que devem representar. Como exemplos podemos citar a afirmação de sua virilidade e o atestado de provedor do lar.

Alguns estudiosos acreditam que a imagem do colonizador dominador se constrói através do colonizado dominado e vice-versa. Pierre Bourdieu (2012, p. 46) fala que “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais.” E vai além. Para Bourdieu (2012) além do colonizador construir a imagem do colonizado e do colonizado construir a imagem do colonizador, eles perpetuam

... a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, *espontânea* e *extorquida*, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos *efeitos duradouros* que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe. (p. 50)

Esse acaba sendo um processo cíclico onde o dominador produz o dominado e vice-versa. É a existência através da dependência, portanto, para que haja a ruptura dessas ideologias é necessário que, primeiramente, o homem e a mulher tenham consciência de suas representações na sociedade para que dessa forma ocorra a mudança.

Através de uma leitura mais minuciosa, podemos traçar algumas analogias com os personagens apresentados no conto. O personagem JMC pode ser análogo à Portugal, sua mulher, Dona Graciosa representa Moçambique e a mãe do personagem é semelhante à ideologia do patriarcalismo, da colonização.

Assim como Dona Graciosa, com a morte da mãe de JMC, da mesma maneira Moçambique passa por um grande momento na história do país. Está conquistando sua autonomia de Portugal, sua independência.

O homem nas sociedades patriarcais possui poder sobre a mulher, mas para Saffioti (2004, p. 113), o “... poder pode ser democraticamente partilhado, gerando liberdade, como também exercido discriminatoriamente, criando desigualdades.” Dessa forma a problemática não é o poder, mas o uso desse poder.

O fator que mais influenciou a identidade do personagem foi a sua relação com a sua mãe. Podemos dizer que há na narrativa o complexo de Édipo, pois a relação que mais

marcou JMC não foi seu casamento, seus incontáveis casos amorosos, mas a sua mãe. Tanto que quando ela morre o personagem fica desolado, como em:

Uma tristeza lhe escava a voz. Me confessa, afinal, uma espécie de viuvez. Foi ele quem quebrou a pausa: - É que sabe? Minha mãe morreu... Meu coração sapateia, desentendido. Pudessemos haver silêncio feito da gente estar calada. Mas esse silêncio não há. (COUTO, 2009, p. 33)

Por mais que JMC seja casado ou vivesse diversos casos extraconjugais, a mulher de sua vida sempre foi e sempre será sua mãe, tanto que esta, ao falecer, lhe deixa em condição de viúvo e não de órfão.

Durante todo o conto vemos as representações sociais sendo trocadas. JMC que antes dominava passa a ser dominado, e Dona Graciosa que antes era um objeto passa a ser sujeito de sua história. Para Saffioti (2004) essas divisões sociais nunca poderão acabar. Para a autora

Entendido como imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino, não pode haver uma só sociedade sem gênero. A eles corresponde uma certa divisão social do trabalho, conhecida como divisão sexual do trabalho, na medida em que ela se faz obedecendo ao critério do sexo. (p. 58)

Assim, torna-se impossível não haver essas divisões, essas diferenciações, entre o masculino e o feminino, mas o que deve ser feito é uma divisão justa, onde, obviamente, algumas tarefas serão mais importantes do que as outras, mas que não sejam divididas em melhores ou piores, em inferiores e superiores, apenas diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias como as escritas por Mia Couto contribuem para denunciar e desconstruir as imagens construídas pela colonização, pelo patriarcalismo até mesmo pelo preconceito em relação à mulher, ao negro, ao pobre. Mais que um escritor Couto é um representante e construtor da história memorial perdida pelos Moçambicanos.

A escrita do autor se iguala à carta escrita pela personagem feminina em *O cesto*. A carta contém tudo o que ela não podia fazer em função de suas obrigações sociais. Da mesma maneira é a escrita de Mia Couto, uma forma de libertação dos seres marginalizados na sociedade, seja mulher, negro, pobre, colonizado, etc.

Apesar de escrever na língua do colonizador, Língua Portuguesa, Mia Couto transfere para essa língua elementos típicos da oralidade moçambicana. E apesar de ter sido colonizado, o autor se apropria da língua do colonizador para expor a história moçambicana para o mundo. Torna-se sujeito construtor da sua história e da história de Moçambique. O escritor ultrapassa a barreira do personagem em *Entrada no céu*, que encara a Língua Inglesa como um empecilho para entrar no céu, exemplificado em: “Depois, veja: eu não falo inglês. Mesmo em português, eu só rabisco fora da cartilha. Já estou a ver lá o leteiro, ao jeito dos filmes: welcome to paradise! E não mais saberei ler.” (COUTO, 2009, p. 38)

No processo de colonização, a Língua Portuguesa foi imposta aos moçambicanos e, atualmente, na pós-colonização, devido a globalização, é a Língua Inglesa que exerce o papel de dominadora entre as línguas. Segundo o escritor Mia Couto neste atual período de pós-colonização, a mente moçambicana ainda encontra-se europeizada, ou seja, ainda é usado como modelo as características da Europa, ocorrendo um esquecimento da cultura moçambicana. A língua também exerce papel de dominação.

E a reapropriação dessa cultura (história, língua, religião, costumes) está sendo implantada através de escrituras como as do próprio Mia Couto. Mas, logicamente essa reapropriação não se dará de maneira uniforme e nem de maneira pura, formando assim uma identidade plural, diversificada e fragmentada assim como a identidade de Dona Graciosa em *O fio e as missangas*, que, acostumada com as suas escolhas suprimidas, depois se depara com uma liberdade nunca vista, nem usada antes, então fica deslocada.

Temos que pensar a África não como um universo, mas um pluriverso composto por povos colonizados por impérios diferentes, que levaram consigo e trouxeram da África culturas totalmente diferentes, e nessas diferenças muitas riquezas incutidas também.

Escritores da atualidade estão cada vez mais engajados em promover uma espécie de descolonização cultural na mente dos próprios ex-colonizados. Thomas Bonnici (2012) diz que é necessária esta “... descolonização cultural para que a imagem e a identidade dos povos colonizados possam ser recuperadas através da ‘volta’ às suas origens.” (p. 10)

Assim, a escrita de Mia Couto constitui-se instrumento fundamental para que o povo Moçambicano, a África em geral, encontre suas origens e dessa forma sua própria identidade. Mas é importante salientarmos que essa origem não deve ser compreendida como uma volta à gênese africana, e sim como uma busca pela própria identidade plural do povo moçambicano. De acordo com Casimiro (2012),

Contrariamente ao que alguns cientistas sociais têm expressado, não existe apenas uma maneira de viver e de pensar que pareça expressar a especificidade das culturas africanas, omitindo o pluralismo interno e a existência de um leque variado de práticas e normas sociais marginais que reflectem a sua diversidade e as mudanças internas que as tornam culturas vivas. (HOUNTONDJI, 2000, p. 13, *apud* CASIMIRO, 2012, p. 223)

Assim é a identidade moçambicana, permeada de influências que ajudaram a compor as identificações assumidas por esse povo. É necessário falar que essa reapropriação moçambicana não foi realizada de maneira fácil. Após muitos anos de submissão ao colonizador, Moçambique ao adquirir sua autonomia, ficou de certa forma deslocada, assim como a personagem de *O cesto* após a morte de seu marido:

Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava. Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. (COUTO, 2009, p. 10)

Constatamos que tudo é construído socialmente através de identificações pela alteridade, no confronto, na oposição, nos contrastes com o Outro. Dessa maneira, em nosso estudo, identificamos as construções, as representações sociais que ajudaram a difundir a imagem do negro africano e da mulher africana, e as suas relações na sociedade moçambicana. Assim como afirma Theodoro (2000)

As representações sociais, enquanto imagens construídas sobre o real, não são necessariamente conscientes. Podem ter sido elaboradas por filósofos ou ideólogos de uma época, atravessando, no entanto, a sociedade ou um determinado grupo social, como algo anterior, tradicional, habitual, que se reproduz a partir das estruturas e categorias de pensamento do coletivo ou dos grupos. (p. 2)

É necessário atentarmos para além das aparências e vermos que as nossas práticas foram historicamente construídas através de ideologias. Concluímos, através das análises dos contos de Mia Couto, que as representações da mulher e do negro são fortemente ligadas às questões dualistas como, por exemplo, colonizador (homem) /colonizado (mulher) e opressor (branco) /oprimido (negro), mas também podemos constatar, felizmente, que essas representações estão passando por um processo de mudança, no qual a mulher e o negro estão usando suas vozes como forma de mudar essas representações na sociedade.

Pretendemos, através do nosso estudo, colaborar para a consolidação da linha de pesquisa em estudos africanos, participando das discussões e auxiliando na consolidação dos estudos africanos e afro-brasileiros, e dar cumprimento à lei 11.645 de março de 2008, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estas leis estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Para além das leis, é necessário compreendermos que essa produção necessita de visibilidade, que os estudos e produções acadêmicas podem propiciar aos alunos maior contato e reconhecimento de nossa cultura.

Este trabalho é apenas uma das inúmeras possibilidades de abordagem da escrita de Mia Couto. Através das análises dos contos escolhidos, indicamos que o autor é um dos representantes de Moçambique que busca ajudar o povo moçambicano a adquirir visibilidade no mundo, através do apoderamento de suas identidades pós-coloniais por meio da literatura. Esta pesquisa foi realizada em caráter exploratório podendo, assim, ser estendido em pesquisas futuras, focando diversos elementos que ao longo dos capítulos citamos de maneira não tão aprofundada.

Também há possibilidades de pesquisas não só na área literária, mas pelo viés da linguística, buscando compreender as construções de linguagem utilizadas por Mia Couto. Até mesmo a filosofia de JMC, “ A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas. São sempre tantas, as missangas...” (COUTO, 2009, p. 32), poderia ser objeto de estudo. Enfim, são diversas as possibilidades de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. Mana vol.7 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0104-931320010002&script=sci_issuetoc> . Último acesso em: 30 de set. 2015.

BERNARDO, Teresinha. *O Candomblé e o Poder Feminino*. Revista de Estudo da Religião. Nº 02, 2005 p. 1-21. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/index.html> . Último acesso em: 29 de set. 2015.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). 7ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: UEM, 2012: 2ª Ed.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. São Paulo: USP, 2007.

CAPELA, José. *Moçambique pela sua história*. Edições electrónicas: CEAUP, 2010.

CASIMIRO, Isabel M. Mulher, Pesquisa, Acção e Mudança. In Silva, C. T., Coelho, B. P. J., & Souto, N. A. (Org.), Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África - Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança), 2012, pp.211-226. Disponível em: <<http://www.codesria.org/spip.php?article1611&lang=en>> . Último acesso em 29 de set. 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes. 3ª ed: 1998.

COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <<http://www.carlaportugues.com.br/site/wp-content/uploads/2013/03/COUTO-Mia-O-Fio-das-missangas.pdf>> Último acesso em: 21 de out. 2015.

DUARTE, Constância Lima & DUARTE, Eduardo de Assis & BEZERRA, Kátia da Costa(Org.). *Gênero e representação na literatura brasileira: ensaios*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. SP: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora BoiTempo, 1997.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. Disponível em: < <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12802205/eliade-mircea-mito-e-realidadepdf-copyfight> >. Último acesso em: 05 de ago. 2015.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: < <http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf> >. Último acesso em: 18 de março 2015.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

FERREIRA, Manuel. *Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa*. IN: Cadernos do terceiro mundo. Ano III, nº 22, 1980, p.29-56. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Catalog/ShowRecord.aspx?MFN=145769>> . Último acesso em: 20 de maio 2015.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. EDUFBA: Salvador, 2008. Disponível em: < http://unegro.org.br/arquivos/arquivo_5043.pdf >. Último acesso em: 22 de jul. 2015.

GIFFIN, Karen & CAVALCANTI, Cristina. *Homens e reprodução*. Periódicos UFSC, Estudos feministas, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11954/11221>> . Último acesso em: 26 de ago. 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2011. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/179384552/identidade-cultural-na-pos-modernidade-Stuart-Hall-pdf> >. Último acesso em: 08 de abril 2015.

KIMBANDA, Rufino Waway. *Excisão como Iniciação Sexual e Religiosa em Mulheres Negro- Bantu*. Revista de Estudos da Religião nº 1, 2006, pp. 116-129. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/index.html> . Último acesso em: 07 de out. 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão... [et. al.] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: < <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> >. Último acesso em: 26 de jul. 2015.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Trad. Alfredo Margarido; revisão acadêmica da tradução para a edição brasileira: Daniela Moreau e Valcemir Zamparoni; assistentes: Bruno Pessoti e Mônica Santos. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

NETO, Pedro Fernandes Oliveira. *O espaço da interdição em O fio das missangas, de Mia Couto*. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. Vol.07 n.2, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/20622>> . Último acesso em: 29 de ago. 2015.

SAFFIOTI, Heleith I.B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAAD, Ambrozina Amalia Coragem. *A difícil relação homem-mulher: as vicissitudes do convívio com as diferenças*. Revista brasileira de psicanálise 39 (3): 67-74, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000179&pid=S0100-5502200800040001000022&lng=pt >. Último acesso em: 18 de ago. 2015.

THEODORO, Helena. *Mitos, tradições culturais e sexualidade*. A L A D A A - Associação Latino-Americana de Estudos Africanos e Asiáticos .X Congresso Internacional, 2000. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/> >. Último acesso em: 06 de out. 2015.